

Literatura

Organizadora
Neide Luzia de Rezende

Elaboradores
Neide Luzia de Rezende
Gabriela Rodella
Silvio Pereira da Silva

3
módulo

Nome do Aluno _____

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador: *Geraldo Alckmin*

Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

Secretário: *Gabriel Benedito Issac Chalita*

Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP

Coordenadora: *Sônia Maria Silva*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: *Adolpho José Melfi*

Pró-Reitora de Graduação

Sônia Teresinha de Sousa Penin

Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária

Adilson Avansi Abreu

FUNDAÇÃO DE APOIO À FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAFE

Presidente do Conselho Curador: *Selma Garrido Pimenta*

Diretoria Administrativa: *Anna Maria Pessoa de Carvalho*

Diretoria Financeira: *Sílvia Luzia Frateschi Trivelato*

PROGRAMA PRÓ-UNIVERSITÁRIO

Coordenadora Geral: *Eleny Mitrulis*

Vice-coordenadora Geral: *Sônia Maria Vanzella Castellar*

Coordenadora Pedagógica: *Helena Coharik Chamlian*

Coordenadores de Área

Biologia:

Paulo Takeo Sano – Lyria Mori

Física:

Maurício Pietrocola – Nobuko Ueta

Geografia:

Sônia Maria Vanzella Castellar – Elvio Rodrigues Martins

História:

Kátia Maria Abud – Raquel Glezer

Língua Inglesa:

Anna Maria Carmagnani – Walkyria Monte Mór

Língua Portuguesa:

Maria Lúcia Victório de Oliveira Andrade – Neide Luzia de Rezende – Valdir Heitor Barzotto

Matemática:

Antônio Carlos Brolezzi – Elvia Mureb Sallum – Martha S. Monteiro

Química:

Maria Eunice Ribeiro Marcondes – Marcelo Giordan

Produção Editorial

Dreampix Comunicação

Revisão, diagramação, capa e projeto gráfico: *André Jun Nishizawa, Eduardo Higa Sokei, José Muniz Jr. Mariana Pimenta Coan, Mario Guimarães Mucida e Wagner Shimabukuro*

Que Stendhal com
leitores, coisa é que adm
rovavelmente consterna
tores de Stendhal, nem
. De
na qual eu
um Xavier de Maistre
ode ser. Ob
da melanc
o. Ad
uro
anc

Cartas ao Aluno



Carta da

Pró-Reitoria de Graduação

Caro aluno,

Com muita alegria, a Universidade de São Paulo, por meio de seus estudantes e de seus professores, participa dessa parceria com a Secretaria de Estado da Educação, oferecendo a você o que temos de melhor: conhecimento.

Conhecimento é a chave para o desenvolvimento das pessoas e das nações e freqüentar o ensino superior é a maneira mais efetiva de ampliar conhecimentos de forma sistemática e de se preparar para uma profissão.

Ingressar numa universidade de reconhecida qualidade e gratuita é o desejo de tantos jovens como você. Por isso, a USP, assim como outras universidades públicas, possui um vestibular tão concorrido. Para enfrentar tal concorrência, muitos alunos do ensino médio, inclusive os que estudam em escolas particulares de reconhecida qualidade, fazem cursinhos preparatórios, em geral de alto custo e inacessíveis à maioria dos alunos da escola pública.

O presente programa oferece a você a possibilidade de se preparar para enfrentar com melhores condições um vestibular, retomando aspectos fundamentais da programação do ensino médio. Espera-se, também, que essa revisão, orientada por objetivos educacionais, o auxilie a perceber com clareza o desenvolvimento pessoal que adquiriu ao longo da educação básica. Tomar posse da própria formação certamente lhe dará a segurança necessária para enfrentar qualquer situação de vida e de trabalho.

Enfrente com garra esse programa. Os próximos meses, até os exames em novembro, exigirão de sua parte muita disciplina e estudo diário. Os monitores e os professores da USP, em parceria com os professores de sua escola, estão se dedicando muito para ajudá-lo nessa travessia.

Em nome da comunidade USP, desejo-lhe, meu caro aluno, disposição e vigor para o presente desafio.

Sonia Teresinha de Sousa Penin.

Pró-Reitora de Graduação.

Carta da

Secretaria de Estado da Educação

Caro aluno,

Com a efetiva expansão e a crescente melhoria do ensino médio estadual, os desafios vivenciados por todos os jovens matriculados nas escolas da rede estadual de ensino, no momento de ingressar nas universidades públicas, vêm se inserindo, ao longo dos anos, num contexto aparentemente contraditório.

Se de um lado nota-se um gradual aumento no percentual dos jovens aprovados nos exames vestibulares da Fuvest — o que, indubitavelmente, comprova a qualidade dos estudos públicos oferecidos —, de outro mostra quão desiguais têm sido as condições apresentadas pelos alunos ao concluírem a última etapa da educação básica.

Diante dessa realidade, e com o objetivo de assegurar a esses alunos o patamar de formação básica necessário ao restabelecimento da igualdade de direitos demandados pela continuidade de estudos em nível superior, a Secretaria de Estado da Educação assumiu, em 2004, o compromisso de abrir, no programa denominado Pró-Universitário, 5.000 vagas para alunos matriculados na terceira série do curso regular do ensino médio. É uma proposta de trabalho que busca ampliar e diversificar as oportunidades de aprendizagem de novos conhecimentos e conteúdos de modo a instrumentalizar o aluno para uma efetiva inserção no mundo acadêmico. Tal proposta pedagógica buscará contemplar as diferentes disciplinas do currículo do ensino médio mediante material didático especialmente construído para esse fim.

O Programa não só quer encorajar você, aluno da escola pública, a participar do exame seletivo de ingresso no ensino público superior, como espera se constituir em um efetivo canal interativo entre a escola de ensino médio e a universidade. Num processo de contribuições mútuas, rico e diversificado em subsídios, essa parceria poderá, no caso da estadual paulista, contribuir para o aperfeiçoamento de seu currículo, organização e formação de docentes.

Prof. Sonia Maria Silva

Coordenadora da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas

Apresentação da área

Será que literatura se ensina e se aprende? Esta é uma questão bastante controversa.

Quem, tantas vezes, não foi obrigado a ler livros de ficção e de poesia para depois responder a exercícios de compreensão de texto? Mesmo que a leitura tenha proporcionado emoção, instigado questões as mais essenciais para nossas vidas, ao ser reduzida somente a desvitalizadas questões de prova, o fato é que a literatura morre, torna-se um mero exercício escolar.

Prazer e conhecimento – esse binômio associado à literatura é inseparável para quem vê a arte como forma de humanização do homem, como aquisição de um bem essencial ao espírito. O acesso a tal bem pode ter sim a colaboração da escola, em princípio capacitada para indicar ao aluno as boas obras e orientá-lo a desfrutar não só da história que narra mas do modo como é narrada, além de levá-lo a conhecer por meio dela as questões importantes da época em que surgiu. Porém, não é o contato com características de escolas literárias, a história literária como reflexo da história geral, a leitura de resumos de obras ou a análise acadêmica de poemas que vão instituir o gosto ou fazer conhecer a literatura importante que existiu antes da gente.

Nesse sentido, o que se propõe aqui será a tentativa de propiciar o contato direto do aluno com o texto literário. Nada substitui sua leitura – nem o resumo, nem o texto teórico, nem a leitura do professor.

Neste curso, toda a abordagem literária partirá da obra lida, ainda que seja esta leitura muitas vezes difícil, devido, não só à falta de tempo, como à falta de familiaridade com a tarefa. Nosso conteúdo: basicamente os livros do vestibular da Fuvest deste ano de 2004. São livros significativos dentro da tradição literária, capazes de propiciar, com a devida orientação, uma descoberta dos seres e das coisas do mundo.

Jamais esquecer que a literatura só existe porque existe você, leitor.

Neide Luzia de Rezende

Coordenadora de Literatura

Apresentação do módulo

Como conter em cinquenta páginas a vontade de escrever e escrever, perguntar e perguntar sobre a obra de escritores tão ricos? Ao agrupá-los, descobrimos as possibilidades de relações entre eles. É extraordinário poder reestabelecer o diálogo de Fernando Pessoa, em seu livro *Mensagem*, com *Os Lusíadas*, de Camões. A epopéia do grande escritor português do século XVI, no seu desencanto final, na sua descrença nas grandes conquistas de sua nação produz ecos melancólicos no poeta modernista português, que busca, por meio desse diálogo, entender o sujeito histórico que era.

Do mesmo modo, a narrativa de Mário de Andrade, *Macunaíma*, busca repensar nosso passado de colonização (ainda tão próximo quando o livro foi escrito) mediante as novas possibilidades que se abriam para a arte nas primeiras décadas do século XX, período de grandes movimentos artísticos de vanguarda. O Modernismo brasileiro, cuja fase de maior produção inovadora abrange a década de 20, foi realmente um divisor de águas. Com Mário de Andrade e Oswald de Andrade (nenhum parentesco entre os dois), seus principais representantes na ficção, a literatura tematizou importantes questões da cultura e da sociedade brasileiras.

Tanto Camões quanto Mário dialogam nos seus escritos com a literatura mais antiga da nossa herança ocidental, a epopéia grega, e por meio dos seus ecos constroem obras de valor para sua época.

Outra modalidade literária relacionada é a literatura de viagem, representada pelas narrativas dos cronistas que acompanhavam os navegantes nas suas descobertas do século XVI e pelos etnólogos-cronistas europeus que visitaram o Brasil em diferentes momentos e relataram suas impressões sobre o país colonizado. Cristãos e colonizadores, esses cronistas deixaram impressões fortes sobre os costumes e a beleza dos países catequizados, mas deixaram de registrar a violência dos conquistadores ibéricos e seus efeitos “civilizatórios” nocivos séculos após a conquista.

Não foi possível falar de tudo, mas acreditamos que a partir do que foi exposto e sugerido seja possível ao menos descortinar parte desses processos históricos e estéticos, suscitando vontade de conhecer mais.

Neide Luzia de Rezende

Coordenadora da área de Literatura

Unidade 1

Macunaíma

Mário de Andrade

Organizadora

Neide Luzia de Rezende

Elaboradores

Neide Luzia de Rezende

Silvio Pereira da Silva



Maloca: habitação indígena que aloja toda a família.

Aruá: segundo Aurélio é o filhote do aruá, um molusco que vive na água doce ou em locais muito úmidos e que aparece sob a forma de pequenos aglomerados de ovos brancos, cor-de-rosa ou alaranjados.

Uraricoera: segundo o Aurélio, é um rio da Amazônia.

Macunaíma: "O Grande Mau" (maku = mau; ima = grande) em língua de tribos da região amazônica.

(*Dicionário Aurélio* e outras fontes)

Nosso comentário sobre *Macunaíma* se inicia pelo...fim. Acreditamos que não será esse um procedimento capaz de empanar o prazer da leitura desse livro extraordinário. Ao contrário, pretende-se oferecer elementos que propiciem uma leitura mais interessante, uma vez que se trata de um livro recheado de "armadilhas" que, se não identificadas, podem representar mesmo um obstáculo para esse intrigante e divertido passeio no bosque da ficção.

"A tribo se acabara, a família virara sombras, a maloca ruína minada pelas saúvas e Macunaíma subira pro céu, porém ficara o aruaí do séquito daqueles tempos de dantes em que o herói fora o grande Macunaíma imperador. E só o papagaio no silêncio do Uraricoera preservava do esquecimento os casos e a fala desaparecida. Só o papagaio conservava no silêncio as frases e feitos do herói.

Tudo ele contou pro homem e depois abriu asa rumo de Lisboa. E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente.

Tem mais não."

(Último parágrafo do livro)

PARAFRASEANDO O TRECHO

O narrador conta sobre a destruição da tribo de Macunaíma – cujo motivo, tecido ao longo de todo o livro, o trecho não diz – e da maloca, arrasada pelas saúvas. Macunaíma e seus semelhantes morreram, mas permanece na aldeia a comitiva de aruaí, do tempo em que ele era imperador da tribo. Só o papagaio preserva a memória de Macunaíma e é ele quem conta para o narrador, um cantador de viola, as aventuras a serem narradas no livro. Depois de contar a história, o papagaio vai embora para Portugal.

COMENTANDO O TRECHO

Percebe-se neste trecho a natureza fabular da narrativa, evidenciada pela presença do universo mágico e pela humanização de seres do mundo animal. O autor, como se verá, aproveitará muitos elementos das lendas e fábulas do folclore brasileiro para contar a história de Macunaíma, personagem indígena de uma lenda recolhida por Koch-Grünberg, etnólogo alemão que visitou o norte do Brasil e a Venezuela de 1911 a 1913. Assim, não é de estranhar que seja o papagaio quem conta a história para o homem. Como se sabe, nas fábulas o comportamento e as características dos bichos remetem àquilo que é próprio do humano. Essas analogias permitem ver, então, na ida do papagaio para Lisboa, a atração do brasileiro pela Europa, o que estará presente em muitos dos episódios.

Pode-se reconhecer também no trecho um eco dos comentários feitos pelos cronistas europeus que por aqui passaram sobre os estragos causados pelas saúvas nas lavouras dos colonizadores. Houve mesmo uma frase que se tornou famosa na história cultural brasileira: “Ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil”, proferida por Saint-Hilaire, no início do século XIX.

A “fala impura” refere-se à coloquialidade e à fala popular do romance, brasileira, em contraste com o português culto (por antítese, a língua pura portuguesa) do qual Mário de Andrade procurava então se distanciar. É nessa fala impura que *Macunaíma* será narrado, buscando-se com isso recuperar a “brasilidade” do português do Brasil.

No trecho encontra-se também um comentário paródico, relativo à epopéia. O narrador, assim como o narrador épico, relata fatos da história passada, as ações de um herói que representou num dia longínquo as aspirações coletivas e a glória da nação. Entretanto, neste caso, Macunaíma é um herói degradado, por suas características muito diferentes daquelas dos grandes heróis épicos, e o *rapsodo* mostra-se um papagaio pouco nacionalista, que bate asas para o país colonizador. Essa dimensão “baixa” e cômica são as maiores responsáveis pelo caráter paródico do texto.

Rapsodo

Trata-se daquele que, na Antigüidade grega, transmitia de terra em terra as histórias e os feitos de seu povo. Os versos possuíam esquema sonoro e sintático capaz de favorecer a memorização.

Epopéia

O poema épico narra as aventuras extraordinárias de heróis históricos ou lendários de um tempo muito distante. Essas personagens geralmente encarnavam os valores e características de um povo ou de uma nação e por suas causas lutavam. Quando passaram a ser escritas, essas narrativas se configuraram como compilações de histórias transmitidas oralmente de geração a geração, que iam sendo montadas coletivamente mediante a repetição da narrativa. Desse modo, as histórias de um povo se juntavam, formando um único grande poema épico, como a *Ilíada* e a *Odisséia*. O primeiro narra as aventuras do jovem e forte herói Aquiles e da Guerra de Tróia; o segundo, as aventuras do herói mais maduro e perspicaz Ulisses, em seu retorno à terra natal.

Enredo

Aquilo que constitui a espinha dorsal de uma narrativa: o encadeamento das ações e a ordem em que essas ações ocorrem. Para respeitarmos o enredo de uma obra, é preciso recuperar as idas e vindas, o intrincado dela, o modo como foi estruturalmente pensada, o que, ao fim e ao cabo, revela também sua filiação a um determinado modo de narrar e, em última instância, a uma determinada corrente estética. A linearidade ou a fragmentação dizem muito ao enredo e à época em que o livro foi concebido, por exemplo.

“Escrito em seis dias de trabalho ininterrupto, durante umas férias de fim de ano, em dezembro de 1926; corrigido e aumentado em janeiro de 1927; publicado em 1928 - *Macunaíma* logo se transformou no livro mais importante do nacionalismo modernista brasileiro” (Gilda de Mello e Souza, p. 9)

Leia abaixo um trecho do livro de Gilda de Mello e Souza, *O tupi e o alaúde*, sobre *Macunaíma*:

Uma análise pouco mais atenta do livro mostra que ele foi construído a partir da combinação de uma infinidade de textos preexistentes, elaborados pela tradição oral ou escrita, popular ou erudita, européia ou brasileira. A originalidade estrutural de *Macunaíma* deriva, deste modo, de o livro não se basear na mimesis, isto é, na dependência constante que a arte estabelece entre o mundo objetivo e a ficção; mas em ligar-se quase sempre a outros mundos imaginários, a sistemas fechados de sinais, já regidos por significação autônoma. Este processo, parasitário na aparência, é no entanto curiosamente inventivo; pois em vez de recortar com neutralidade nos entremos originais as partes de que necessita para reagrupá-las, intactas, numa ordem nova, atua quase sempre sobre cada fragmento, alterando-o em profundidade. (p. 10)

Vamos tentar esclarecer melhor esse trecho difícil mas importante do livro de Gilda de Mello e Souza, pois ele traz explicações importantes para o entendimento de *Macunaíma*.

A mimesis, a que a autora se refere, é um conceito fundamental para as artes em geral. Definido por Aristóteles, está ligado à relação, como diz a autora, do mundo que se constrói numa obra inventada (de *ficção*) e o mundo em que vivemos. No século XIX, o romance estava assentado nessa relação, como discutimos a propósito de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, que, na literatura brasileira, é um pioneiro na quebra da mimesis.

No caso de *Macunaíma*, que foi escrito num momento histórico de grandes rupturas artísticas, afastar-se do esquema linear e mimético do romance tradicional era ponto de honra – assim como o era deixar à mostra as costuras e o modo de composição para mostrar que a arte já não buscava imitar a realidade mas que era uma *reflexão* sobre esta e sobre a própria arte (procedimento metalingüístico).

Pois bem, o romance rapsódico de Mário tem suas costuras à mostra, compondo-se com materiais (no sentido de serem textos já prontos) provenientes dos diferentes tipos de culturas, da brasileira sobretudo, mas também da européia. Esses materiais têm dupla função: por um lado constroem a carnadura da obra, dá vida à história de *Macunaíma*, e por outro traz para dentro do romance os ecos dessas culturas.

Gilda de Mello e Souza procurou identificar parte do material que serviu a Mário de Andrade na elaboração da narrativa (dizemos “parte”, porque, dada a riqueza da pesquisa do autor, talvez seja impossível repertoriar todos os textos que ele operacionaliza no livro):

- traços indígenas, retirados de Koch-Grünberg, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Capistrano de Abreu e outros;
- narrativas e cerimônias de origem africana;
- evocações de canções de roda ibéricas;
- tradições portuguesas;
- contos já tipicamente brasileiros;

- anedotas tradicionais da História do Brasil;
- incidentes pitorescos presenciados pelo autor;
- episódios de sua biografia pessoal;
- transcrições textuais dos etnógrafos e dos cronistas coloniais;
- frases célebres de personalidades históricas ou eminentes;
- fatos de língua, como modismos, locuções, fórmulas sintáticas;
- processos mnemônicos populares, como associações de idéias e imagens;
- processos retóricos, como as enumerações exaustivas, que segundo o próprio autor tinham a finalidade apenas poética de realizar “sonoridades curiosas” ou “mesmo cômicas”. (Gilda de Mello e Souza, p.16)

Esses textos, em geral, aparecem numa dimensão paródica, pois o autor apropria-se deles, buscando entretanto extrair um efeito, em geral humorístico ou satírico, mas que contém sempre uma reflexão sobre a situação cultural. Um bom exemplo disso se encontra no capítulo IX, ou melhor, é o capítulo IX, Carta pras Icamiabas.

Em “Carta pras Icamiabas”, Macunaíma, saudoso de sua terra, escreve às suas súditas na Amazônia (as guerreiras, Amazonas, mito grego) para relatar como era a vida em São Paulo e descrever-lhes a cidade “...construída sobre sete colinas, à feição tradicional de Roma, a cidade cesárea, ‘capita’ da Latinitude de que proviemos”. Para Macunaíma, São Paulo é “a mais bela cidade terráquea”: faz uma descrição da agitada vida paulistana, com seus arranha-céus, cita o palácio do governo todo de ouro, as ruas cheias de pessoas, a grande concentração de trabalhadores, as lojas, os bondes, as águas sujas do “igarapé Tietê”, a atmosfera poluída, a ociosidade e os vícios mascarados. Mostra-a como uma cidade marcada pela multiplicidade de culturas. No entanto, sua sedução pela cidade se dá a contragosto, como ele revela no início da carta: “Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva. Cumpre-nos, entretanto, iniciar estas linhas de saudade e muito amor, com desagradável nova.”

Mário de Andrade faz uma caricatura, na “Carta pras Icamiabas”, do texto erudito. Acentuando-lhe os defeitos, critica a linguagem empolada e pedante dos acadêmicos. Macunaíma considera estranho o fato de falarem uma língua e escreverem em outra: “Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra.” Em estilo parodístico, Macunaíma toma emprestada a linguagem rebuscada dos ditos cultos e comete erros grosseiros – por exemplo, usa “testículos da Bíblia” ao invés de “versículos da Bíblia”, ou “ciência fescenina”, em lugar de “ciência feminina”.

Macunaíma demonstra que aprendeu rapidamente a linguagem dos civilizados. Insere citações latinas, usa estruturas sintáticas (inversões) nos moldes de Camões e Virgílio. Um interessante trecho que nos faz lembrar diretamente a carta de Caminha é a descrição que Macunaíma faz das mulheres de São Paulo:

“Andam elas vestidas de rutilantes jóias e panos finíssimos, que lhes acentuam o donaire do porte, e mal encobrem as graças, que a de nenhuma outra cedem pelo formoso do torneado e pelo tom. São sempre alvíssimas as donas de cá; e tais e tantas habilidades demonstram, no brincar, que enumerá-las, aqui seria fastiando porventura; e, certamente, quebraria os mandamentos de descrição, que em relação de Imperator para súditas se requer.

Assim escreveu Caminha:

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam. (...)

Outros traziam carapuças de penas amarelas; e outros, de vermelhas; e outros de verdes. E uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela.

Como podemos observar há, nos trechos, aspectos que podem ser facilmente comparados, como, por exemplo, referências à formosura das mulheres e o destaque para a questão sexual. Afinal, umas não têm nada que lhes cubras as partes íntimas e outras, as paulistanas, cobrem suas “graças” com panos finíssimos, que lhes acentuam a beleza. Parece que o pudor ocidental não passa de um ténue véu. A leitura comparativa das duas cartas pode ainda revelar outras descobertas interessantes.

De modo geral, no texto de Mário de Andrade, os papéis se inverteram, pois não é o civilizado que relata o que viu em regiões recentemente encontradas ao soberano de seu país. Agora é o imperador indígena colonizado, no papel de descobridor, que descreve a terra colonizadora recém-conhecida e informa seus súditos índios e colonizados sobre o modo de vida dos civilizados. Como se vê, há uma inversão total de papéis, uma carnavalização (no carnaval, os papéis se invertem, o pobre pode ser rei e o rico pode se fantasiar de mendigo), muito característica da intenção paródica na época.

Tarefas

Tarefa 1

Um desafio: reconstituir o enredo central do livro (entregue seu texto ao monitor).

Tarefa 2

O Uraricoera existe realmente: é um rio da Amazônia, que hoje já se encontra quase inteiramente poluído. Nesse sentido, parece profético o livro de Mário de Andrade. Por quê?

Tarefa 3

Anotações do autor para prefácio (não publicadas na época):

Evidentemente não tenho a pretensão de que meu livro sirva pra estudos científicos de folclore. Fantasiei quando queria e sobretudo quando carecia pra que a invenção permanecesse arte e não documentação seca de estudo. Basta ver a macumba carioca desgeografizada com cuidado, com elementos dos candomblés baianos e das pajelanças paraenses. Com elementos dos estados já publicados, elementos colhidos por mim dum ogan carioca ‘bexiguento e fadista de profissão’ e dum conhecedor das pajelanças, construí o capítulo a que ainda ajuntei elementos de fantasia pura. Os meus livros podem ser resultado dos meus estudos porém ninguém não estude nos meus trabalhos de ficção, leva fubeca.

Mário de Andrade disse sobre *Memórias de um sargento de milícias* disse que, para escrever seu romance, Manuel Antonio de Almeida se baseou *livremente* em relatos de seu colega Antonio Cesar Ramos, português que veio ao Brasil para lutar na Guerra da Cisplatina, em 1817. Promovido a sargento de milícias, gostava de conversar com o autor de *Memórias de um sargento de milícias*, que tomava notas de seus casos para usá-los no livro (ver p. 18 do Módulo 1). Que relações você pode estabelecer entre o procedimento adotado por Manuel Antonio de Almeida e aquele de Mário de Andrade (explicitado no trecho acima) para coletar o material do livro?

Tarefa 4

Mário de Andrade considerava o episódio de Vei e suas duas filhas uma das alegorias centrais do livro, representando a atração irresistível pelo europeu. O episódio está dividido em dois tempos: no cap. VII, Vei encontra Macunaíma tremendo de frio numa ilha deserta e o recolhe, deixando-o a cargo das duas filhas. Macunaíma promete, depois de posto a salvo, casar-se com uma das moças, mas sempre ignora a promessa; no cap. XVII, quando, já doente, volta ao Uraricoera, Vei vinga-se disfarçando a Uiara, dando a ela os traços portugueses de D. Sancha, já que sabe das preferências de Macunaíma (o herói experimenta o que podemos chamar de uma “atração fatal”).

Tendo em vista esses comentários (ver a explicação sobre alegoria na margem), que outras alegorias você pode observar no romance?

Tarefa 5

A paródia foi um procedimento comum aos escritores modernistas. Com a ajuda de seu monitor, procure entender o porquê desse procedimento. Note que entender a razão da paródia é, de certo modo, entender o comportamento estético e ideológico dos nossos grandes escritores do período, Mário e Oswald de Andrade.

Para relacionar



Filme

MACUNAÍMA, de Joaquim Pedro de Andrade (Brasil, 1969).

Exposição

“Na terra de Macunaíma” – de 31/8 a 17/10, de terça a sexta, das 13h às 21h30, sábado e domingo das 9h30 às 18h – SESC Araraquara, r. Castro Alves, 1315, Araraquara, SP (tel. 0/xx/3301-7500).

Araraquara, no interior paulista, é a cidade natal de Macunaíma. Foi ali, num sítio de um primo, que Mário escreveu o livro. A mostra reúne documentos da história dessa nascimento.

Alegoria

A alegoria é um procedimento metafórico que diz uma coisa para significar outra, mais propriamente usa imagens concretas para remeter a um conceito, a uma idéia abstrata.

Muitas vezes a alegoria não é decodificada, pois requer do interpretante que compartilhe dos mesmos códigos peculiares ao autor para a identificação da conotação alegórica. Esta é a dificuldade de leitura de uma obra como *Macunaíma* para o leitor contemporâneo, principalmente o jovem, que já está distante do universo cultural do autor.

Como sabemos, o prazer da leitura de uma obra vem não só da história que conta, mas também do *como* conta, o que está ligado a todo um arsenal lingüístico e literário que o autor mobiliza. E isso está presente em quase todas as produções culturais. Por exemplo, no filme infantil *Aladim*, de Walt Disney, há pelo menos dois tipos de espectadores visados: o público infantil, que se delicia com o enredo de aventuras, e um público mais velho, capaz de reconhecer as referências culturais ali presentes.

Unidade 2

Fernando Pessoa

Organizadora

Neide Luzia de
Rezende

Elaborador

Silvio Pereira da
Silva

1



2



3



1. Fernando Pessoa com dez anos de idade 2. Fernando Pessoa aos vinte anos de idade 3. Fernando Pessoa nas ruas da Baixa lisboeta.

4



5



4 Na época da Revista Orpheu. 5 Última fotografia

Biografia

Fernando Antônio Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa, em 13 de junho de 1888, perdeu o pai aos cinco anos de idade. Em 1896, em virtude do segundo casamento da mãe, a família se transferiu para Durban, na África do Sul. Lá, frequentou várias escolas, recebendo uma educação inglesa. Cedo revelou seu pendor para a literatura, adquiriu o gosto pela poesia lendo Milton, Byron, Shelley, Edgar Allan Poe e outros poetas de língua inglesa.



Em 1905, Fernando Pessoa deixou a família em Durban e regressou a Portugal, fixando-se em Lisboa, onde iniciou uma intensa atividade literária. Matriculou-se no Curso Superior de Letras, mas logo o abandonou. Foi nessa época que entrou em contato com escritores de língua portuguesa, ficando fascinado com a obra de alguns autores, por exemplo, os sermões do Padre Antônio Vieira (1608-1697) e, particularmente, com a obra de Cesário Verde (1855-1886). Em 1908, começou a trabalhar como tradutor de cartas comerciais para empresas estrangeiras. Com esse emprego modesto, sustentou-se durante toda a vida.

Costumava encontrar-se com os amigos em cafés, especialmente o “Brasileira do Chiado”, para discutir literatura. Em 1912, conhece o poeta Mário de Sá-Carneiro (1890 - 1916), de quem se tornaria grande amigo. Com ele, Almada Negreiros e outros, esforça-se por renovar a literatura portuguesa através da criação da revista *Orpheu*, fundada em 1915, veículo de novas idéias e novas estéticas. Nesse período, criou vários heterônimos: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares etc. Em 1920, conhece Ophélia Queiroz, com quem mantém um namoro, registrado em cartas trocadas por eles, que se encontram publicadas.

Morreu em 30 de novembro de 1935, de cirrose hepática, deixando grande parte da sua obra ainda inédita. Fernando Pessoa nunca teve, em vida, o reconhecimento que merecia. Viveu modestamente, em relativa obscuridade.

A criação dos heterônimos por Fernando Pessoa

"Dar a cada emoção uma personalidade, a cada estado de alma uma alma."

A produção literária de Fernando Pessoa apresenta uma particularidade muito intrigante: o fenômeno da heteronímia.

É importante não confundir pseudônimo e heterônimo - o primeiro é um falso nome, criado e utilizado por alguém, permitindo que se oculte o verdadeiro nome da pessoa; já heterônimo é um outro nome criado pela pessoa, que, desse modo, pode manter, além da sua, outras identidades. O próprio Fernando Pessoa alertou sobre as distinções existentes entre ele e os outros poetas que criou - diferença nas idéias, nos sentimentos, na técnica de composição, no estilo. Os heterônimos nasceram, segundo o poeta, de sua tentativa de representar a multifacetada vida portuguesa e de expor as várias personalidades vividas em seu mundo interior: "Sinto-me múltiplo. Sou como um quar-

A sociabilidade literária

Os bares, cafés, restaurantes, as livrarias, salões, em uma época não muito distante, eram espaços de intensa vida artística – a “boêmia” – tão decantada entre os artistas. No modernismo ela passa a se entranhar até como tema ou motivo nas obras.

O crítico literário Davi Arrigucci, em importante estudo sobre Manuel Bandeira, afirma que “os focos de interesse dos modernistas se multiplicam, confirmando a tendência de todos para partilharem uma curiosidade mental que parece não se deter diante das barreiras de classe, de raça ou de região, como se cada qual desejasse ultrapassar seus próprios limites individuais. Essa espécie de crescimento coletivo e clara expansão do espírito crítico e criador tem como um dos seus correlatos, no plano espacial, a comunicação ou continuidade entre o espaço íntimo do escritor – sua casa, seu quarto, seu local de trabalho – e lugares de sociabilidade ampla. A rua se torna verdadeiramente (como queria André Breton) o lugar da experiência válida, mas com ela se comunica a intimidade do quarto.” (p. 61)

to com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas." Ler e estudar Fernando Pessoa pressupõe mergulhar nesse labirinto de espelhos.

O trecho abaixo foi retirado de uma carta enviada por Fernando Pessoa a seu amigo e crítico literário Adolfo Casais Monteiro, datada de 13 de janeiro de 1935. Nela, o poeta explica a origem dos heterônimos e as características de cada um.

Aí por 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande), veio-me à idéia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas coisas em verso irregular (não no estilo de Álvaro de Campos, mas num estilo de meia regularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis).

Ano e meio, ou dois anos depois, lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro - de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira - foi em 8 de março de 1914 - acerquei-me de uma cômoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, "O guardador de Rebanhos". E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta poemas, imediatamente peguei noutra papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a "Chuva Oblíqua", de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reação de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro.

Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir - instintiva e subconscientemente - uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o "via". E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jato, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a "Ode Triunfal" de Álvaro de Campos - a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem. Criei, então, uma "coterie" inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Guardei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa. Se algum dia eu puder publicar a discussão entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos, verá como eles são diferentes, e como eu não sou nada na matéria.

Os estudiosos de várias áreas, não só da literatura, seguem refletindo por que Pessoa teria criado seus heterônimos. O que nos fica, depois da leitura da carta e de outras explicações fornecidas por Fernando Pessoa, é que ele os criou por razões poéticas e não por razões lógicas. Afinal, cada um deles apresenta um modo particular de ver a realidade e traduzi-la poeticamente. Foi, talvez, a maneira encontrada pelo poeta para melhor exercer a multiplicidade de seu talento criador, que não cabia em um único ser, um só "Pessoa". Desse modo ele pôde ser, ao mesmo tempo, clássico e moderno, espiritualista e materialista, um revolucionário e um nacionalista místico, entre outros aspectos. (Tarefas 1 e 2)

Os Heterônimos Perfeitos

ALBERTO CAEIRO

Fernando Pessoa criou uma biografia para cada um de seus heterônimos. Assim apresenta a vida de Alberto Caeiro:

"Nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão, nem educação quase alguma, só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma tia velha, tia avó. Morreu tuberculoso."

A vida para Caeiro reduz-se ao "puro sentir", sendo o sentido da "visão" o mais relevante de todos, por ser este o que nos coloca em relação mais próxima e integral com o mundo objetivo.

"O guardador de rebanhos" é constituído de 35 poemas, numerados com algarismos romanos; neles, Alberto Caeiro nos expõe sua postura em relação à realidade que o cerca, seu contato com a natureza e o mundo. Seu conhecimento é fruto de suas sensações.

I - Eu Nunca Guardei Rebanhos

Eu nunca guardei rebanhos, Mas é como se os guardasse. Minha alma é como um pastor, Conhece o vento e o sol E anda pela mão das Estações A seguir e a olhar. Toda a paz da Natureza sem gente Vem sentar-se a meu lado.	Pensar incomoda como andar à chuva Quando o vento cresce e parece que chove mais.
Mas eu fico triste como um pôr de sol Para a nossa imaginação, Quando esfria no fundo da planície E se sente a noite entrada Como uma borboleta pela janela. Mas a minha tristeza é sossego Porque é natural e justa E é o que deve estar na alma Quando já pensa que existe E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.	Não tenho ambições nem desejos Ser poeta não é uma ambição minha É a minha maneira de estar sozinho. E se desejo às vezes Por imaginar, ser cordeirinho (Ou ser o rebanho todo Para andar espalhado por toda a encosta A ser muita cousa feliz ao mesmo tempo), É só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol, Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz E corre um silêncio pela erva fora.
Como um ruído de chocalhos Para além da curva da estrada, Os meus pensamentos são contentes. Só tenho pena de saber que eles são contentes, Porque, se o não soubesse, Em vez de serem contentes e tristes, Seriam alegres e contentes.	Quando me sento a escrever versos Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos, Escrevo versos num papel que está no meu pensamento, Sinto um cajado nas mãos E vejo um recorte de mim No cimo dum outeiro, Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas idéias, Ou olhando para as minhas idéias e vendo o meu rebanho, E sorrindo vagamente como quem não compreende o que se diz E quer fingir que compreende.

Saúdo todos os que me lerem,	Onde se sentem, lendo os meus versos.
Tirando-lhes o chapéu largo	E ao lerem os meus versos pensem
Quando me vêem à minha porta	Que sou qualquer cousa natural -
Mal a diligência levanta no cimo do outeiro.	Por exemplo, a árvore antiga
Saúdo-os e desejo-lhes sol,	À sombra da qual quando crianças
E chuva, quando a chuva é precisa,	Se sentavam com um baque, cansados de
E que as suas casas tenham	brincar,
Ao pé duma janela aberta	E limpavam o suor da testa quente
Uma cadeira predileta	Com a manga do bibe riscado.

Esse poema inicia-se com uma aparente contradição, pois o eu-lírico afirma ser um guardador de rebanhos sem nunca tê-lo sido efetivamente. No entanto, isso acontece em sua imaginação, ou seja, ele finge ser um pastor para expor mais detalhadamente sua visão de mundo. Apregoa que, para ser natural, deve-se deixar o pensamento de lado: pensar seria um incomodo desnecessário. Assim, cria um texto livre de tudo que poderia ser complexo, difícil, optando por uma linguagem objetiva, quase sem metáforas.

IX - Sou um Guardador de Rebanhos

Sou um guardador de rebanhos.	Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
O rebanho é os meus pensamentos	E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
E os meus pensamentos são todos sensações.	Por isso quando num dia de calor
Penso com os olhos e com os ouvidos	Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E com as mãos e os pés	E me deito ao comprido na erva,
E com o nariz e a boca.	E fecho os olhos quentes,
	Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
	Sei a verdade e sou feliz.

Para o poeta, a natureza nos chega por meio das sensações, e não devemos ficar buscando significados ocultos. A felicidade está em deixar de lado todos os pensamentos reflexivos, racionalizados, e voltar para o encontro direto com o mundo natural. (Tarefa 3)

ÁLVARO DE CAMPOS

"...nasceu em Tavira, no dia 15 de outubro de 1890 (...); é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inatividade (...); é alto (um metro e setenta e cinco centímetros de altura, mais dois centímetros do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara raspada (...); entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval." (Fernando Pessoa, trecho da carta)

Campos é o mais versátil heterônimo de Fernando Pessoa. É o poeta da negação. É o futurista da exaltação da energia, e da força da civilização mecânica do futuro, das fábricas, da velocidade Um homem do século XX. Aquele que pretende "sentir tudo de todas as maneiras", ultrapassando a fragmentaridade.

Seus poemas são fortes, marcados pela oralidade e pela prolixidade que se espalha em versos longos e livres, próximos da prosa, seguindo o ritmo das alterações emocionais do poeta, muitas vezes em um tom amargurado, com traços de pessimismo e desilusão. Para ele, a construção poética deveria forçar os outros a sentir o que ele sentiu.

Ode triunfal [fragmento]

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
(...)

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical –
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro.
(...)

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último modelo!
(...)

Notícias desmentidas dos jornais,
Artigos políticos insinceramente sinceros,
Notícias *passez à-la-caisse*, grandes crimes –
Duas colunas deles passando para a segunda página!
O cheiro fresco a tinta de tipografia!
Os cartazes postos há pouco, molhados!
Vients-de-paraitre amarelos com uma cinta branca!
Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,
Como eu vos amo de todas as maneiras,
Com os olhos e com os ouvidos e com o olfato
E com o tato (o que palpar-vos representa para mim!)
E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!
Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós!
Aubos, debulhadoras a vapor, progressos da agrícola!

Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!
 Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,
 Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,
 Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!
 (...)

 Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,
 Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas,
 Rio multicolor anônimo e onde eu me posso banhar como quieria!
 Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!
 Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,
 As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,
 Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto

 E os gestos que faz quando ninguém pode ver!
 Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,
 Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome
 Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos
 Em crispações absurdas em pleno meio das turbas
 Nas ruas cheias de encontrões!
 (...)

Álvaro de Campos faz uma ode (poesia criada pelos gregos para celebrar um acontecimento grandioso e elevado), para exaltar a modernidade, o momento presente, representado pelas grandes invenções mecânicas do século XX, não obstante também se referir às condições difíceis de vida nesse contexto. Ao contrário de Caetano de Almeida, que escreve inspirado no ambiente natural, Campos se inspira no barulho das engrenagens, na energia elétrica, na movimentação das cidades. (Tarefas 4 e 5)

Tabacaria [fragmento]

Não sou nada.
 Nunca serei nada.
 Não posso querer ser nada.
 À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,
 Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
 (E se soubessem quem é, o que saberiam?),
 Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,
 Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
 Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
 Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,
 Com a morte a por umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,
 Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

(cont.)

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
 Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,
 E não tivesse mais irmandade com as coisas
 Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua
 A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada
 De dentro da minha cabeça,
 E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.
 Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
 À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
 E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.
 (...)

Fiz de mim o que não soube
 E o que podia fazer de mim não o fiz.
 O dominó que vesti era errado.
 Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.
 Quando quis tirar a máscara,
 Estava pegada à cara.
 Quando a tirei e me vi ao espelho,
 Já tinha envelhecido.
 Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.
 Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
 Como um cão tolerado pela gerência
 Por ser inofensivo
 E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

(.)
 Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?)
 E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
 Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
 E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.
 Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
 E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
 Sigo o fumo como uma rota própria,
 E gozo, num momento sensitivo e competente,
 A libertação de todas as especulações
 E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto.

Nesse poema, o poeta demonstra toda a sua angústia quanto à realidade cotidiana; no entanto, ainda sonha. Álvaro Campos expressa a angústia do homem moderno, que não encontra mais ponto de apoio para suas inquietações, o que o leva ao desespero. Para ele, tudo parece perdido e nada pode ter valido a pena, há uma visão de inutilidade. Observe-se o contraste da visão deste heterônimo, com seu comportamento metafísico, daquele de Alberto Caeiro. (Tarefa 6)

RICARDO REIS

Ricardo Reis é assim apresentado:

“...nasceu em 1887 (...) no Porto. Educado em colégio de jesuítas, é médico e vive no Brasil desde 1919, pois expatriou-se espontaneamente por ser monárquico. É latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria.”

De formação clássica, Reis é o heterônimo que retoma o pensamento e a prática estético-poética da Antiguidade Greco-Latina. Leitor de Horácio, poeta latino do século I a.C., é o autor de odes, na sua maioria curtas, inspiradas na temática e no aspecto formal da poesia horaciana.

Ricardo Reis segue Alberto Caeiro no amor da vida rústica, junto da natureza. Mas, enquanto Caeiro é um homem simples, franco e alegre, Reis sofre com a transitoriedade da vida e a dureza do Destino. Dedicar-se a produzir uma poesia reflexiva, tendo por base o que chama de “pensamento elevado”, ou seja, o pensamento equilibrado, em que a emoção está sujeita ao controle da razão. Os temas poéticos se referem às inquietações humanas: o sentido da vida, a virtude, o tempo, a morte, a alegria, a dor etc. E tudo isto aliado às reflexões filosóficas de caráter estoico-epicurista¹. O seu estilo é bem trabalhado, usa de versos e estrofes regulares e um português erudito no vocabulário e na sintaxe.

¹ Modo de pensar de Epicuro (341 – 270 a.C.), filósofo grego, que pregava uma filosofia do prazer e da renúncia; para se enfrentar a dor e o sofrimento, o homem deveria satisfazer os desejos necessários, fugindo aos excessos.

Texto I

A palidez do dia é levemente dourada.

O sol de inverno faz luzir como o orvalho as curvas

Dos troncos de ramos secos.

O frio leve treme.

Desterrado da pátria antiqüíssima da minha

Crença, consolado só por pensar nos deuses,

Aqueço-me trêmulo

A outro sol do que este.

O sol que havia sobre o Partenón¹ e a Acrópole²

O que alumia os passos lentos e graves

De Aristóteles falando.

Mas Epicuro melhor

Me fala, com a sua cariciosa voz terrestre

Tendo para os deuses uma atitude também de deus,

Sereno e vendo a vida

À distância a que está.

Texto II

Para ser grande, sê inteiro: nada

Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive.

Esses dois poemas são bons exemplos da poesia de Ricardo Reis. No primeiro, o eu-lírico nos apresenta elementos fundamentais de sua produção poética: a presença de elementos da cultura pagã, através da referência aos deuses gregos, e sua admiração pelo pensamento filosófico de Epicuro. No segundo, é em tom grave que o eu-lírico se dirige ao leitor, ensinando um modo correto de comportamento, que possa elevar o ser, torná-lo espiritualmente superior.

² Templo grego a Palas Atenas, deusa da sabedoria.

³ Santuário erguido no ponto mais alta da Grécia.

FERNANDO PESSOA ORTÔNIMO

A obra assinada por Fernando Pessoa “ele-mesmo” pode ser dividida em poesia de fundo saudosita-nacionalista e poesia lírica. A primeira está presente em *Mensagem*, e a segunda está reunida nos volumes *Cancioneiro* e *Quadradas ao gosto popular*.

Mensagem veio a público em 1934, foi a única obra escrita em língua portuguesa publicada por Fernando Pessoa. O livro divide-se em três partes: *Brasão*, *Mar português* e *O Encoberto*. Os poemas do livro aproximam-se de uma forma épica fragmentária, em que o conjunto dos textos líricos forma um só poema sobre Portugal. Traçando a história do seu país, Pessoa envereda por um nacionalismo místico de caráter sebastianista⁴, retomando a história da formação de Portugal, no período das grandes navegações, durante os séculos XV e XVI.

⁴ É apresentado o mito sebastianista, construído em torno da figura de Dom Sebastião, rei de Portugal, desaparecido em ataque aos mouros, em 1578. Pessoa resgata previsões, como a do padre Antônio Vieira, sobre o retorno de Dom Sebastião para estabelecer o poderio de Portugal, criando o *Quinto Império*.—

I. O INFANTE

Deus quiere, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,
E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpru-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

II. HORIZONTE

Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mistério,
Abria em flor o Longe, e o Sul sidéreo
‘Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa—
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:

E, no desembarcar, há aves, flores,
Onde era só, de longe a abstrata linha
O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esp’rança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —
Os beijos merecidos da Verdade.

III. PADRÃO

O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para diante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão sinala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O porfazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português.

E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.

A poesia lírica, reunida nos livros *Cancioneiro* e *Quadradas ao gosto popular*, apresenta a retomada de alguns temas, ritmos e formas do lirismo tradicional português. Há poesias de caráter metalingüístico, pois constituem uma reflexão sobre a própria arte poética e o papel do artista, ao lado de poemas que sondam o “eu-profundo”.

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Atravessa esta paisagem o meu sonho

Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito
E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios
Que largam do cais arrastando nas águas por sombra
Os vultos ao sol daquelas árvores antigas...
O porto que sonho é sombrio e pálido
E esta paisagem é cheia de sol deste lado...
Mas no meu espírito o sol deste dia é porto sombrio
E os navios que saem do porto são estas árvores ao sol...
Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo...
O vulto do cais é a estrada nítida e calma
Que se levanta e se ergue como um muro,
E os navios passam por dentro dos troncos das árvores
Com uma horizontalidade vertical,
E deixam cair amarras na água pelas folhas uma a uma dentro...
Não sei quem me sonho...
Súbito toda a água do mar do porto é transparente
E vejo no fundo, como uma estampa enorme que lá estivesse desdobrada,
Esta paisagem toda, renque de árvore, estrada a arder em aquele porto,
E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa
Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem
E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,
E passa para o outro lado da minha alma...

Tarefas**Tarefa 1**

O que você entendeu por heterônimos? Qual a importância desse fenômeno para a compreensão da obra do escritor? Escreva um texto, como se fosse um trecho de diário, expondo uma outra faceta de personalidade que você gostaria de possuir.

Tarefa 2

Uma das grandes questões do Modernismo é a difícil busca da unidade – a fragmentação, a descontinuidade são marcas da produção artística do período. Essa busca de unidade se mostra tanto no plano do conteúdo quanto da forma, vindo inevitavelmente acompanhada de conflito e angústia. A poesia de Pessoa é indicadora disso. Com a ajuda do monitor, reflita sobre essa característica nas obras que você tem lido até agora.

Tarefa 3

Caeiro é apresentado como um homem de visão instintiva, guiado pelas sensações, principalmente visuais. Declara-se contra a interpretação do real pela inteligência, pois, ao seu modo de ver, essa interpretação reduz as coisas a simples conceitos. No entanto, em seus poemas há certa contradição, pois, apesar de se referir aos elementos naturais, ele está refletindo o tempo todo. Que conclusão se pode tirar desse fato?

Tarefa 4

Leia o fragmento do poema “Ode triunfal” e procure verificar como Álvaro de Campos apresentou a relação do homem com o mundo moderno e

tecnicista; observe como o poeta cria uma oposição entre o mundo natural e o mecanizado. Procure identificar os mecanismos retóricos de sua poesia. Discuta com os colegas e com o monitor sobre essa questão.

Tarefa 5

A “Ode triunfal” de Álvaro de Campos apresenta alguns pontos de contato com os Manifestos Futuristas, escritos por Filippo Tommaso Marinetti. Leia os trechos dos manifestos e depois procure verificar o que pode ser relacionado ao poema.

Manifesto Futurista (fragmento)

Documento publicado em “Lo Figaro” em 20 de fevereiro de 1909.

1. Queremos cantar o amor do perigo, o hábito à energia e à temeridade.
2. Os elementos essenciais da nossa poesia serão a coragem, a audácia, a rebelião.
3. Tendo a literatura até aqui enaltecido a imobilidade pensativa, o êxtase e o sono, nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo ginástico, o salto mortal, a bofetada e o soco.
4. Nos declaramos que o esplendor do mundo se enriqueceu de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um carro de corrida com seu cofre adornado de grossos tubos como serpentes de fôlego explosivo... um automóvel rugidor que parece correr sobre a metralha, é mais belo do que a Vitória de Samotrácia.

(...)

11. Nós cantaremos as grandes multidões movimentadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela revolta; as mares multicoloridas e polifônicas das revoluções nas capitais modernas; a vibração noturna dos arsenais e dos estaleiros sob suas violentas luas elétricas; as estações glotonas comedoras de serpentes que fumam; as usinas suspensas nas nuvens pelos barbantes de suas fumaças; as pontes para pulos de ginastas lançadas sobre a cutelaria diabólica dos rios ensolarados; os navios aventureiros farejando o horizonte; as locomotivas de grande peito, que escoucinnham os trilhos, como grandes cavalos de aço freados por longos tubos, e o vôo deslizante dos aeroplanos cuja hélice tem os estalos da bandeira e os aplausos da multidão entusiasta.

Manifesto técnico da literatura Futurista (Fragmento)

Lançado em Milão, em 11 de maio de 1912, também conhecido como “**Palavras em Liberdade**”

- é preciso destruir a sintaxe, dispondo os substantivos ao acaso, como nascem;
- deve-se usar o verbo no infinitivo, para que se adapte elasticamente ao substantivo e não o submeta ao eu do escritor, que observa ou imagina. O verbo no infinitivo pode, sozinho, dar o sentido da continuidade da vida e a elasticidade da intuição que a percebe;
- deve-se abolir o adjetivo para que o substantivo desnudo conserve a sua cor essencial. O adjetivo, tendo em si um caráter de esbatimento, é incompatível com a nossa visão dinâmica, uma vez que supõe uma parada, uma meditação;
- Deve-se abolir o advérbio, velha fivela que une as palavras umas às outras. O advérbio conserva a frase numa fastidiosa unidade de tom.

In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e O Modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1986.

Tarefa 6

Tendo por base os textos aqui apresentados, procure fazer uma comparação entre o estilo de Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, observando como os dois se posicionam diante da realidade e trabalham com as sensações.

Tarefa 7

Se é possível afirmar que Alberto Caeiro “pensa” com os sentidos, que Álvaro de Campos “pensa” com a emoção e que Ricardo Reis “pensa” com a razão, podemos dizer que Fernando Pessoa “ele-mesmo” “pensa” com a ima-

ginação. As leituras que fez até o momento confirmam ou refutam essa afirmação? Discuta com os colegas e depois crie um pequeno texto com sua resposta e entregue ao monitor.

Tarefa 8

Fala do Velho do Restelo ao astronauta

Aqui, na Terra, a fome continua, A miséria, o luto e outra vez a fome. Acendemos cigarros em fogos de napalme E dizemos amor sem saber o que seja. Mas fizemos de ti a prova da riqueza Ou talvez da pobreza, e da fome outra vez, E pusemos em ti nem eu sei que desejo De mais alto que nós, e melhor, e mais puro.	No jornal soletramos, de olhos tensos, Maravilhas de espaço e de vertigem: Salgados oceanos que circundam Ilhas mortas de sede, onde não chove. Mas o mundo, astronauta, é boa mesa (E as bombas de napalme são brinquedos), Onde come, brincando, só a fome, Só a fome, astronauta, só a fome.
--	--

José Saramago

Nesse poema, podemos encontrar algumas referências ao desejo humano de buscar novos espaços, aliado a uma crítica à situação vivida na terra. Há também, no texto, uma referência explícita a um trecho da obra de Camões, *Os Lusíadas*. Converse com o monitor e com os colegas sobre esses aspectos. Como exercício de escrita, imagine você encontrando um ser de outro planeta. Como descreveria a ele o lugar onde mora (pode ser seu bairro, sua cidade, seu país)? Para o texto não ficar muito vago, escolha um ângulo dessa realidade para ser descrito: cultural, social, geográfico etc.

Para ouvir

- . CD *Mensagem*, Gravadora Eldorado, remasterizador em 1996. (Alguns poemas do livro *Mensagem* foram musicados por André Luiz Oliveira e Zeba D'Al Farra, e são interpretados por cantores brasileiros e portugueses)
- . CD *Fernando Pessoa*, por Paulo Autran, “Coleção poesia falada”.

Unidade 3

Literatura de Viagem

Organizadora

Neide Luzia de
Rezende

Elaboradora

Gabriela Rodella

Já existia no século XV, na Europa, uma tradição de cronistas profissionais que escreviam as histórias dos reis. Quando as nações da Península Ibérica partiram para a expansão marítima, seguiram, junto com os marinheiros, escrivães encarregados de narrar tudo o que aconteceria na viagem e nos entrepostos. Ainda hoje, esses diários ou relatos (“relação”) de bordo são continuamente reeditados e constituem leitura fascinante, pois a realidade era interpretada muitas vezes à luz do imaginário europeu sobre os povos desconhecidos, que continha muito de fantástico.

Um desses escrivães foi Pero Vaz de Caminha, que veio ao Brasil em 1500, acompanhando a esquadra de Pedro Álvares Cabral. É dele o documento – a *Carta*, endereçada ao rei de Portugal – que narra o primeiro contato entre os portugueses e os índios que habitavam o nosso país naquela época.

O tema da natureza abundante e a identidade que Caminha constrói para os índios com sua visão portuguesa serão depois revisitados por vários escritores brasileiros, seja para reafirmá-los como componentes da identidade nacional (como no caso dos românticos nacionalistas em busca da afirmação da literatura brasileira), ou para ironizá-los (caso dos modernistas). O fato é que a *Carta* estará sempre presente em nosso imaginário coletivo.

E o Capitão mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens aos dois e aos três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, já lá estavam dezoito ou vinte.

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

(...)

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber.

(...)

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo.

Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos! Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, por que lho não havíamos de dar! E depois tornou as contas a quem lhas dera. E então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas.

Outro texto que fala do nosso país para os portugueses é o *Tratado da Terra do Brasil* (depois reeditado com o nome de *História da Província de Santa Cruz*), de Pero de Magalhães de Gândavo. Esse português, homem culto, humanista, amigo de Camões (que, aliás, é o autor da elegia que antecede a tal *História da Província de Santa Cruz*), esteve por aqui entre os anos de 1565 e 1570. Seu texto tinha por objetivo convencer portugueses a se tornarem colonos. Para isso, ele exaltou a abundância das terras brasileiras, falou dos rios caudalosos, da diversidade dos peixes, das plantas, das frutas, das caças, enfim, de tudo o que pudesse seduzir e atrair seus compatriotas a viajarem para a colônia. Mas encontramos em seu texto também, além das descrições sobre a terra, algumas aventuras fantásticas, certamente anotadas por ele a partir de conversas com colonos brasileiros. Veja um trecho do livro *História da Província de Santa Cruz*, intitulado “Do monstro marinho que se matou na Capitania de São Vicente, ano de 1564”.

Foi causa tam nova e tam desusada aos olhos humanos a semelhança daquele fero e espantoso monstro marinho que nesta Provincia se matou no anno de 1564, que ainda que per muitas partes do mundo se tenha noticia delle, nam deixarei todavia de a dar aqui outra vez de novo, relatando por extenso tudo o que ácerca disto passou; porque na verdade a maior parte dos retratos ou quasi todos em que querem mostrar a semelhança de seu horrendo aspecto, andam errados, e alem disso, conta-se o sucesso de sua morte por diferentes maneiras, sendo a verdade huma só a qual he a seguinte: Na Capitania de Sam Vicente sendo já alta noite a horas em que todos começavam de se entregar ao sono, acertou de sair fóra de casa huma India escrava do capitão; a qual lançando os olhos a huma varzea que está pegada com o mar, e com a povoaçam da mesma Capitania, vio andar nella este monstro, movendo-se de huma parte para outra com passos e meneos desusados, e dando alguns urros de quando em quando tam feios, que como pasmada e quasi fora de si se veio ao filho do mesmo capitão, cujo nome era Baltezar Ferreira, e lhe deu

conta do que vira parecendo-lhe que era alguma visão diabolica; mas como elle fosse nam menos sizudo que esforçado, e esta gente da terra seja digna de pouco credito nam lho deu logo muito às suas paiavras, e deixando-se estar na cama, a tornou outra vez a mandar fora dizendo-lhe que se afirmasse bem no que era. E obedecendo a India a seu mandado, foi; e tornou mais espantada; afirmando-lhe e repetindo-lhe huma vez e outra que andava ali huma cousa tam feia, que nam podia ser se nam o demonio.

Então se levantou elle muito depressa e lançou mão a huma espada que tinha junto de si com a qual botou somente em camisa pela porta fora, tendo pera si (quando muito) que seria algum tigre ou outro animal da terra conhecido com a vista do qual se desenganasse do que a India lhe queria persuadir, e pondo os olhos naquella parte que ella lhe assignalou vio confusamente o vulto do monstro ao longo da praia, sem poder divisar o que era, por causa da noite lho impedir, e o monstro tambem ser cousa não vista e fora do parecer de todos os outros animaes. E chegando-se hum pouco mais a elle, pera que melhor se podesse ajudar da vista, foi sentido do mesmo monstro: o qual em levantando a cabeça, tanto que o vio começou de caminhar para o mar donde viera.

Esses tipos de relatos que misturavam o fantástico e o verdadeiro, somados à vasta iconografia de diversos tipos de monstros que ilustravam a cartografia da época, foram responsáveis pela formação do imaginário europeu acerca do Novo Mundo. Aventuras mirabolantes com personagens fabulosos circulavam por toda a Europa. Poucos eram os que viajavam para as novas terras descobertas e vivenciavam realmente a nova vastidão do mundo. Muitos eram os que liam e ouviam histórias e imaginavam o que havia além mar.

Outro estrangeiro que efetivamente viajou ao Novo Mundo para conhecê-lo, cujo relato das experiências ficou famoso na Europa, foi o alemão Hans Staden. Ele veio ao Brasil porque queria ver de perto tudo o que escutara nas narrativas sobre o Novo Mundo. Em sua primeira viagem, visitou Pernambuco. Na segunda, porém, seu navio naufragou no litoral fluminense e ele teve de se arranjar com os portugueses. Trabalhando para eles no Forte de Bertioiga, foi capturado por índios tupinambás e esteve prestes a ser devorado num ritual antropofágico. Conseguiu voltar à Alemanha e escreveu o livro chamado *Duas viagens ao Brasil*, publicado em 1557, no qual narrou sua experiência como prisioneiro dos índios brasileiros.

Nessa época, as narrativas de viagem estavam desacreditadas na Europa. Tantos eram os relatos de seres mirabolantes e fantásticos que Rabelais, famoso escritor satírico francês, ironizando esse tipo de literatura, criou um personagem em seu livro *Gargantua e Pantagruel*, que se chamava “Ouvi-dizer”. Preocupado e com o objetivo de ser levado a sério, Hans Staden procurou não fazer descrições fantásticas da fauna e flora brasileiras e se concentrou em sua história pessoal. Veja no trecho a seguir o começo da narração de como os tupinambás matavam e devoravam seus inimigos:

Solenidades dos selvagens por ocasião da matança e devoramento dos seus inimigos. Como executam estes e como os tratam.

Quando trazem para casa um inimigo, batem-lhe as mulheres e as crianças primeiro. A seguir colam-lhe ao corpo penas cinzentas, raspam-lhe as sobrancelhas, dançam-lhe em torno e amarram-no bem, a-fim-de que não lhes possa escapar. Dão-lhe então uma mulher, que dele cuida, servindo-o também. Se tem dele um filho, criam-no até grande, matam-no e o comem quando lhes vêm à cabeça.

Dão de comer bem ao prisioneiro. Conservam-no por algum tempo e então se preparam. Para tanto fabricam muitas vasilhas, nas quais põem suas bebidas e queimam também vasilhame especial para os ingredientes com que o pintam e enfeitam. Além disso fazem borlas de penas, que amarram ao tacape com que o matam. Fabricam também uma longa corda, chamada mussurana. Com esta o amarram, antes de executá-lo.

Assim que tudo está preparado, determinam o tempo em que deve morrer o prisioneiro e convidam os selvagens de outras aldeias para que venham assistir. Enchem então de bebidas toas as vasilhas. Um ou dois dias antes das mulheres fabricarem as bebidas, conduzem o prisioneiro uma ou duas vezes ao pátio dentre as cabanas e dançam-lhe em volta.

As aventuras fantásticas e os relatos de viagem

Inspirados justamente por esse tipo de literatura, alguns autores europeus do século XVIII escreveram aventuras que se tornaram famosas. Uma delas foi *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe. Publicado em 1719, o livro de Defoe narra a história da sobrevivência de um naufrago na ilha deserta de Crusóé. Sete anos mais tarde (1726), *As Viagens de Gulliver* foi publicado na Inglaterra. Nesse livro, Jonathan Swift aproveitou a estrutura do relato de viagem para, através da narrativa das aventuras de Lemuel Gulliver, um naufrago, fazer uma sátira mordaz da sociedade inglesa do século XVIII. Apesar de o romance ser considerado hoje em dia literatura juvenil, ele causou escândalo no ano de sua publicação e é, na verdade, um livro político. Nele, a ficção e o fantástico são usados como meio para a crítica aos vícios, às injustiças, às hipocrisias e à estrutura social da sociedade europeia da época.

Narrado em primeira pessoa pelo personagem de Gulliver, a primeira aventura do livro é a viagem às terras de Lilliput. Esse país, habitado por seres minúsculos governados por um rei com leis cruéis e desumanas, serve de parábola para a crítica feroz do autor à Inglaterra e a seus governantes. Seus habitantes, por exemplo, têm desconfiança para com estrangeiros, característica típica dos ingleses. A dificuldade de Gulliver em entender a língua dos lilliputianos era provavelmente uma crítica ao imperador Jorge I, alemão que reinou na Inglaterra entre 1714 e 1727 e falava mal o inglês. A sátira às roupas dos minúsculos nobres dessa terra fictícia era uma crítica ao sistema de honrarias que se traduzia na vestimenta dos ingleses ilustres da época. Vejamos então um trecho do romance de Swift em que Gulliver começa a ter contato com os costumes de Lilliput:

Um dia o imperador me convidou para assistir à Dança da Corda. Trata-se de uma prova realizada sobre um fio de aproximadamente sessenta centímetros de comprimento, preso entre duas hastes a trinta centímetros do chão. Todos os candidatos a postos importantes da corte têm de demonstrar sua agilidade nessa corda. O vencedor é aquele que saltar mais alto, sem cair. Vi dois ou três quebrarem a perna ou o braço, e há registro de numerosos acidentes fatais. Eventualmente os ministros também precisam passar por esse teste para provar que ainda são capazes de exercer

o cargo. Flimnap, o tesoureiro, consegue pular dois centímetros mais alto que qualquer pessoa, e uma vez o vi dar alguns saltos mortais.

Existe também um concurso chamado Pulo e Rastejo, no qual os candidatos a favores especiais devem pular por cima de uma vara ou rastejar sob ela, conforme a posição em que o imperador a segure. Faixas de seda são os prêmios: azul para quem agüentar mais tempo, vermelha para o segundo colocado e verde para o terceiro.

Percebi que a maioria dos cortesãos mais prestigiados ostenta uma dessas cores.

Tarefas

Tarefa 1

Faça um levantamento dos adjetivos usados por Caminha para descrever os índios. A partir dessa lista e da leitura do texto, descreva a imagem que Caminha construiu do índio a partir desse primeiro contato.

Tarefa 2

A língua dos índios não era entendida pelos portugueses e vice-versa. Assinale no texto o trecho em que Caminha descreve a maneira como foram feitos os contatos entre os dois povos. O que o autor da *Carta* quis dizer com a seguinte frase: “Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos!”

Tarefa 3

Pouco depois de começada a colonização, a descrição da índia na cena narrada por Pero de Magalhães de Gândavo já é bem diferente da de Caminha em sua *Carta*. Como ela está caracterizada nesse último texto? A imagem do indígena de Gândavo é parecida com a que temos do índio atualmente?

Já Hans Staden tem uma outra visão dos índios tupinambás, que não é partilhada por nenhum dos outros dois autores anteriores. Qual a imagem que pode ser construída a partir da leitura de seu texto?

Escreva uma dissertação sobre a imagem do indígena na sociedade brasileira de hoje. Não se esqueça que a discussão proposta no exercício e feita em classe deve orientá-lo para o tema, isto é, para um recorte do assunto em pauta.

Tarefa 4

Durante a Idade Média, nobres e Igreja faziam alianças para que pudessem governar. Casamentos entre famílias nobres e mesmo entre primos eram comuns, pois contribuía para que o poder não saísse de determinadas famílias. A Igreja colaborava, indicando determinado regente como sendo o escolhido de Deus para governar, o que significava um atestado para mandar e desmandar. Evidentemente, os clérigos obtinham com isso enorme poder, do qual também sabiam tirar grande proveito. A população ficava então submetida aos desejos dessas duas classes.

A partir do século XVI, o poderio dos nobres e da Igreja passou a ser levemente contestado. Os humanistas, por exemplo, acreditavam e professavam que os governantes deveriam ser escolhidos em razão de sua capacidade de governar e não apenas por serem filhos de reis. Os laços sanguíneos perdiam a importância; a capacidade e o saber entravam em foco. Paulatinamente,

também o livre arbítrio foi substituindo a coerção da razão ao Estado e à Igreja.

Hoje em dia, aqui no Brasil, escolhemos nossos governantes democraticamente por votação direta. Leia o trecho de um artigo do psicanalista Contardo Calligaris, publicado dia 05 de agosto de 2004, na *Folha de S. Paulo*:

Campanhas para eleitores reprimidos e narcisistas

As campanhas eleitorais são sempre um pouco humilhantes. O mais freqüente é que elas apostem na idéia de que nós, eleitores, seríamos burros e mal-informados. Mas podem também apostar na idéia de que seríamos reprimidos ou fundamentalmente narcisistas. (...)No dia em que um candidato passar a nos tratar como gente grande, acredito que ganhará votos, seja qual for seu plano.

Sonho que alguém apareça na tela e diga: “Salvo exceções que explicarei, meus concorrentes são pessoas tão qualificadas e bem-intencionadas quanto eu. Temos em comum a vontade de fazer o que nos parece melhor; é claro, dentro do possível, que sempre é menor que o necessário. Somos todos, é óbvio, animados por uma ambição descomunal; sem isso, não estaríamos aqui. Mas nosso gosto pelo poder é corrigido pela vontade de servir o interesse público.

Agora, temos diferenças, sobre as quais, você, eleitor, deve se pronunciar.”

É raro que as diferenças sejam de fundo (ninguém, hoje, promove projetos revolucionários). Quase sempre, são questões de prioridade (maneiras divergentes de decidir o que é mais urgente) ou de meios (concepções conflitantes de como chegar a resultados parecidos).

Pode ser que a propaganda eleitoral de meus sonhos nos mate de tédio, à força de argumentações sensatas. Mas ela teria suas vantagens.

Pois bem, Jonathan Swift, no trecho citado neste módulo, satiriza o sistema de escolha dos lilliputianos candidatos a cargos importantes no Império; Contardo Calligaris acusa os candidatos de infantilizar a população nas campanhas políticas. Discuta com seus colegas: qual é a crítica que Swift faz ao sistema de escolha dos candidatos a cargos importantes? Há relações possíveis entre o texto de Swift e o de Calligaris? O que precisa saber e fazer um candidato a um cargo político?

Redija um “Mandamento do bom político”, em dez pontos, ou seja, um “Decálogo do bom político”, em que você pode usar muito sua criatividade. Que tal enviá-lo depois a algum vereador de sua região ou a um deputado (para isso, é preciso descobrir o endereço dos câmaras, podendo ser enviando também pela Internet).

Para relacionar

Filmes

1. Hans Staden (*Hans Staden, Brasil/Portugal, 1999*). Direção: Luiz Alberto Pereira

O filme conta a história de Hans Staden, viajante alemão que, em 1550, naufragou no litoral de Santa Catarina, sul do Brasil. Dois anos mais tarde, conseguiu chegar a São Vicente, reduto da colonização portuguesa. Ali ficou

dois anos trabalhando como artilheiro do Forte de Bertioga. Já se preparava para voltar à Europa, onde receberia o ouro e o reconhecimento de El-Rei de Portugal, por seus serviços na Colônia. Em um dia de janeiro de 1554 saiu para procurar seu escravo, índio carijó, que havia saído para pescar e não havia retornado. Em uma canoa navegou por um rio próximo onde o escravo costumava pescar. Em vez do carijó encontrou uma cruz fincada à beira do rio. A cruz tinha uma simbologia que Staden conhecia: era o sinal para os portugueses chamarem os tupiniquins, seus aliados. Assim, Staden atirou com seu mosquetão para chamar os tupiniquins e obter notícias do seu escravo. Os tupiniquins não apareceram. Porém, sete tupinambás, tribo inimiga dos portugueses, o cercaram e aprisionaram, e ele foi levado para a Aldeia de Ubatuba, onde seria devorado em um ritual antropofágico. A partir daquele momento Staden começou a inventar uma forma de escapar com vida do seu cativo.

2. Mestre dos Mares – O Lado Mais Distante do Mundo (*Master and Commander: The Far Side of the World*, 2003). Direção: Peter Weir

Durante as guerras napoleônicas, os ingleses enfrentam os franceses pelo domínio das rotas comerciais das Américas. O navio inglês, o HMS Surprise, é atacado de surpresa por um inimigo mais poderoso, a fragata francesa Acheron. Com o HMS Surprise seriamente avariado e grande parte de sua tripulação ferida, o capitão se lança numa perseguição altamente arriscada por dois oceanos, a fim de interceptar e capturar seu inimigo. O filme singra por meio mundo – começa no Oceano Atlântico, na costa do Brasil, passando pelas águas tormentosas do Cabo Horn, através de gelo e neve, até o lado mais distante do mundo e as praias remotas das Ilhas Galápagos, no Pacífico (trata-se do primeiro filme em toda a história a ser rodado naquelas paragens).

Unidade 4

Camões

Organizadora

Neide Luzia de Rezende

Elaboradoras

Gabriela Rodella

Neide Luzia de Rezende



Nem me falta na vida honesto estudo
com longa experiência misturado.
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

Não há documentação segura sobre a vida do poeta português Luís Vaz de Camões (1524/25 – c.1580); nem os anos de nascimento e morte se sabe ao certo. O que persistem são histórias de uma vida tumultuada.

Nasceu numa família de poucos recursos, mas nobre, o que explica o conhecimento dos clássicos gregos e latinos, dos romances de cavalaria e dos poetas italianos de seu tempo (Dante, Ariosto e Petrarca), índice de uma cultura refinada. Viveu durante a juventude em Coimbra e Lisboa, trabalhou como escudeiro, teve vida boêmia e muitos casos amorosos, envolvendo-se em razão disso em brigas que, não raro, resultavam em prisão. Os versos que declamava às damas nos serões da corte tornaram-no famoso como poeta.

A certa altura, para escapar de mais uma prisão, alistou-se no serviço militar se engajou como soldado numa expedição portuguesa que partia para a ocupação de novas terras, perdendo um olho em combate no norte da África. Serviu na Índia, em Goa, e em Macau, na China. Por essas paragens, conheceu mulheres que ficaram eternizadas em seus versos, angariou inimigos, envolveu-se em novas brigas e foi acusado de fraude, passando mais algum

tempo preso. Durante a estada nas terras estrangeiras, escreveu sua famosa epopéia, *Os Lusíadas*, que, segundo a lenda, salvou de um naufrágio.

Regressou a Portugal pobre e doente, mas obteve do soberano uma pequena pensão vitalícia com a publicação d’*Os Lusíadas*, em 1572, dedicado ao rei Dom Sebastião. Parece que o final dos dias passou vendendo versos. Seu funeral foi pago por um amigo, que lhe escreveu o seguinte epitáfio:

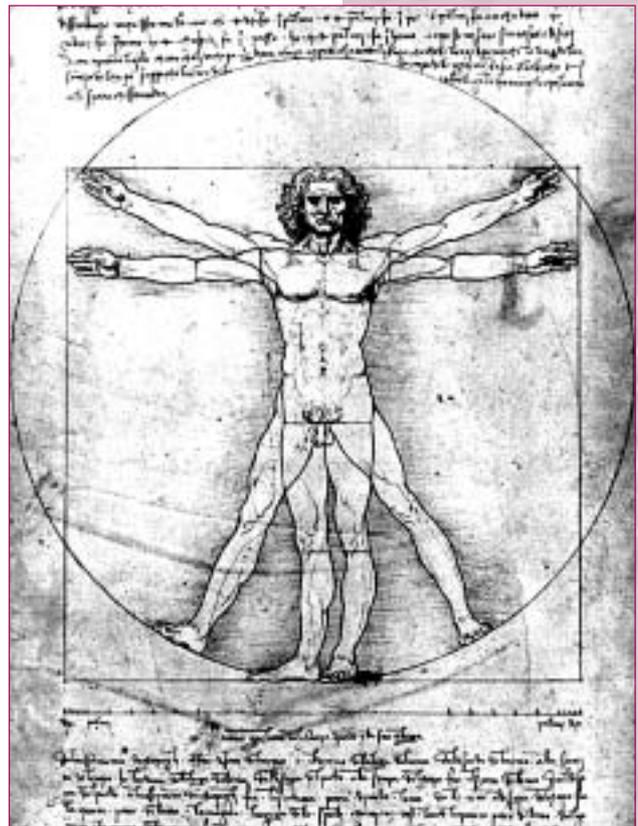
**Aqui jaz Luís Vaz de Camões
Príncipe dos poetas do seu tempo.
Viveu pobre e miseravelmente
Assim morreu.**

Panorama do Renascimento

No final do século XV e começo do XVI, a Europa passou por um período de grandes mudanças. A concentração de riqueza nas mãos da burguesia, o surgimento dos Estados absolutistas com reis fortes e poderosos e a reurbanização da Europa, que havia sido predominantemente rural desde a queda do Império Romano, trouxeram uma nova maneira de encarar o mundo. A Igreja perdeu o poder absoluto que exerceu sobre os homens durante séculos e alguns de seus preceitos puderam ser colocados em xeque.

Deu-se então um grande movimento de reavaliação dos valores culturais antigos, que a História chamou de Renascimento. Com essa abertura, surgiram homens eruditos, que se interessavam pela cultura greco-latina e acreditavam em um conjunto de valores morais e estéticos universalmente humanos provindos dessas civilizações. Tais estudiosos, que se apresentavam livres do poder da Igreja, foram chamados de *humanistas*. Davam mais importância à razão humana do que às revelações divinas (*racionalismo*), acreditavam que era necessário investigar o homem, seu corpo, seus sentimentos e suas experiências (*antropocentrismo*), veneravam a cultura e a *mitologia* greco-latina, redescoberta a partir de pesquisas feitas em conventos e monastérios.

Outra característica do Renascimento foi o espírito científico, que encontrou seu foco na observação dos fenômenos da natureza. A Igreja, no entanto, continuava pressionando e proibindo a divulgação de certas idéias. Nessa época, o astrônomo Copérnico chegou à conclusão de que a Terra girava em torno do Sol, e não o contrário, teoria confirmada por Galileu Galilei um pouco mais tarde (Tarefa 1). Nas artes plásticas também houve grandes mudanças. A típica pintura sacra medieval, que retratava os santos e episódios da vida de Jesus, aos poucos passou a retratar a vida das pessoas comuns. Inspirados pela arte greco-romana, os artistas tinham como objetivo retratar as coisas como elas existiam na realidade. Descobriu-se o ponto de fuga, perseguiram-se as proporções perfeitas, buscou-se a harmonia dos traços.



O soneto

Soneto quer dizer pequena canção ou, literalmente, pequeno som. É uma forma fixa de poema composta por versos decassílabos distribuídos em duas estrofes de quatro versos e duas de três versos. Surgiu na Itália, no século XIII, onde era declamado na corte do rei Frederico II e sua disposição variou bastante, até que Dante e Petrarca, poetas precursores do Renascimento, o fixaram através de suas poesias, lidas em toda a Europa. Reconhecido na época como a melhor forma de expressão de uma emoção isolada, um pensamento ou uma idéia, foi adaptado e muito usada por Shakespeare e continua servindo aos poetas de hoje em dia.

Portugal viveu nesse período um grande momento de expansão marítima. O poder mercante burguês e o rei fortalecido com os impostos cobrados dos mercadores se aliaram, fortalecendo desse modo também os Estados. Como Portugal havia se tornado um país rico, teve dinheiro para investir nas grandes navegações. Foi, aliás, muito bem-sucedido: tomou pontos na costa africana, chegou à Índia (1498) e ao Brasil (1500).

O objetivo dessas grandes navegações era estender o império português, colonizando novos povos mediante o trabalho de catequese e ampliando o comércio com as Índias. Ouro, glória e expansão da fé compunham a tríade sobre a qual se assentavam as grandes navegações ibéricas.

É de se imaginar que esses navegadores, a título de colonização e cristianização, trouxeram também a opressão, promoveram o massacre e instauraram a violência contra os povos nativos, constituindo o XVI um século com tudo o que de civilização e bárbarie a América Espanhola e Portuguesa conheceram.

Camões – o poeta lírico

O Camões lírico recebeu influências da tradição poética medieval (as cantigas de amor cortês e de amigo) e as uniu aos rigorosos parâmetros renascentistas de Dante e Petrarca (que aperfeiçoou e difundiu a forma fixa chamada soneto por toda a Europa).

Pede o desejo, Dama, que vos veja.
 Não entende o que pede; está enganado.
 É este amor tão fino e tão delgado,
 Que quem o tem não sabe o que deseja.

Não há cousa a qual natural seja
 Que não queira perpétuo o seu estado.
 Não quer logo o desejo o desejado.
 Por que não falte nunca onde sobeja.

Mas este puro afeito em mim se dana;
 Que, como a grave pedra tem por arte
 O centro desejar da natureza,

Assim o pensamento, pela parte
 Que vai tomar de mim, terrestre, humana,
 Foi, Senhora, pedir esta baixaza.

Nesse soneto, há um sujeito dividido, em conflito entre um eu que ama idealmente e outro que deseja. O eu-lírico, disposto a amar platonicamente sua amada, é surpreendido pelo próprio desejo, que lhe pede uma visão real e concreta da mulher em questão. No soneto a seguir, mais um exemplo da expressão desse desejo:

Tanto de meu estado me acho incerto
 que, em vivo ardor, tremendo estou de frio;
 sem causa, juntamente choro e rio;
 o mundo todo abarco e nada aperto.

É tudo quanto sinto um desconcerto;
 da alma um fogo me sai, da vista um rio;
 agora espero, agora desconfio,
 agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao Céu voando;
 num' hora acho mil anos, e é de jeito
 que em mil anos não posso achar um' hora.

Se me pergunta alguém porque assi ando,
 respondo que não sei; porém suspeito
 que só porque vos vi, minha Senhora.

A permanente luta entre o desejo e o amor idealizado, cuja consciência traz sofrimento e dor para o eu-lírico, é creditada ao Destino, contra o qual nada se pode fazer. A reflexão sobre a contradição entre esses dois mundos é freqüente na poesia camoniana. (Tarefa 2)

Camões – o poeta épico

Para escrever o poema *Os Lusíadas*, Camões se inspirou nas epopéias greco-latinas e narrou, a partir da história da viagem de Vasco da Gama à Índia, o grande feito heróico do povo português: a conquista dos mares. Para tanto, o poeta aproveitou tudo o que leu e tudo o que efetivamente viveu. Couberam nesse poema de fôlego (são 8.816 versos!) a história de Portugal, a descrição geográfica da Europa, histórias medievais, descrições da Índia, casos que aconteceram realmente e histórias fantasiosas, como a aparição do Gigante Adamastor.

No Canto V (estrofes de 86 a 88), o poeta cita as epopéias que lhe inspiraram a compor seu poema épico, buscando porém mostrar que a sua epopéia nada tem a ver com as greco-latinas, cheias de monstros fantásticos e aventuras mirabolantes. Defende, dessa maneira, a veracidade de sua narrativa que, não obstante, também contará com seres fantásticos e sobrenaturais.



LITERATURA

86
Julgas agora, Rei, se houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crês tu que tanto Eneias e o facundo
Ulisses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que dele se escrevessem,
Do que eu vi, a poder d'esforço e de arte,
E do que inda hei-de ver, a oitava parte?

87
Esse que bebeu tanto da água Aónia,
Sobre quem têm contenda peregrina,
Entre si, Rodes, Smirna e Colofônia,
Atenas, Ios, Argo e Salamina;
Essoutro que esclarece toda Ausônia,
A cuja voz, altíssona e divina,
Ouvindo, o pátrio Míncio se adormece,
Mas o Tibre co som se ensoberbece:

88
Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus Semideuses e encareçam,
Fingindo magas Circes, Polifemos,
Sirenas que co canto os adormeçam;
Dêm-lhe mais navegar à vela e remos
Os Cícones e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dêm-lhe perder nas águas o piloto;

89
Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calipsos namoradas;
Harpas que o manjar lhe contaminem;
Descer às sombras nuas já passadas:
Que, por muito e por muito que se afinem
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto, nua e pura,
Vence toda grandíloca escritural!"

Seguindo regras formais do modelo greco-latino (o poema tem dez Cantos, é todo composto por versos decassílabos, a narrativa começa no meio da viagem, *in media res* etc.), a narrativa da viagem é entremeadada por uma disputa entre os deuses Baco (oponente a Portugal) e Vênus (favorável ao povo português).

A exemplo do que se vê nas epopéias do mundo antigo, pode-se perceber neste poema grandioso a intenção de conjugar as características identificatórias do povo português. Observe nesse sentido o trecho abaixo, que narra o Concílio dos deuses (Canto I, estrofes 20 a 41). (Tarefa 3)

20
Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em consílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu fermoso,
Vêm pela Via Láctea juntamente,
Convocados, da parte de Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

21
Deixam dos sete Céus o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que só co pensamento
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.
Ali se acharam juntos num momento
Os que habitam o Arcturo congelado
E os que o Austro têm e as partes onde
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde.

20.7-8: "Convocados, da parte de *Tonante*": *Tonante*, epíteto dado a *Júpiter* como deus das trovoadas; "Pelo neto gentil do velho *Atlante*": neto do velho *Atlante*, ou *Atlas*, era *Mercúrio*, filho de *Júpiter* e de *Maia*, a mais nova das *Plêiades*. Estas eram filhas de *Atlas*, o Gigante, e de *Plêione*; esta, por sua vez, filha do *Oceano* e de *Tétis*. *Mercúrio* era um mensageiro de *Júpiter*.

21.1-8: "*Deixam dos sete Céus o regimento*": os *sete Céus* são as sete esferas planetárias do sistema de Ptolemeu; "Os que habitam o *Arcturo* congelado": o *Arcturo* é a estrela mais brilhante da constelação do *Boieiro* ou *Bootes*. Foi considerada por vezes como fazendo parte da *Ursa Maior* e *Arcturo* significa literalmente *guarda da ursa*; "E os que o *Austro* têm ...": os que moram no Sul; "... e as partes onde / A Aurora nasce e o claro Sol se esconde": vieram, portanto, os deuses do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste ao concílio.

22

Estava o Padre ali, sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano;
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com a coroa e ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

23

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros Deuses, todos assentados
Como a Razão e a Ordem concertavam
(Precedem os antigos, mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam);
Quando Júpiter alto, assi dizendo,
Cum tom de voz começa grave e horrendo:

24

“Eternos moradores do luzente,
Estelífero Pólo e claro Assento:
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos Fados grandes certo intento
Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

25

“Já lhe foi (bem o vistes) concedido,
Cum poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno.
Pois contra o Castelhana tão temido
Sempre alcançou favor do Céu sereno:
Assi que sempre, enfim, com fama e glória,
Teve os troféus pendentes da vitória.

26

“Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,
Que co a gente de Rómulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra Romana, tanto se afamaram;
Também deixo a memória que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que, peregrino,
Fingiu na cervá espírito divino.

27

“Agora vedes bem que, cometendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
de Áfrico e Noto a força, a mais s’atreve:
Que, havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu propósito e perfia
A ver os berços onde nasce o dia.

22.1-2: “Estava o Padre ...”: Júpiter; “Que vibra os feros raios de Vulcano”: Vulcano, filho de Júpiter e de Juno, era o deus do fogo e fabricava os raios para seu pai. Ort.: dino (por digno).

23.2: Ort.: perlas (por pérolas).

24.2: “Estelífero Pólo e claro Assento”: Pólo, céu (1. polus); claro Assento: brilhante morada; “De Luso ...”: Júpiter afirma a descendência dos Portugueses. Estelífero, estrelado (latinismo).

24.6: “Como é dos Fados grandes ...”: grandes em poder.

25.8: “Teve os troféus pendentes da vitória”: teve pendentes os troféus da vitória; troféu era propriamente o tronco de árvore do qual se dependuravam as armas dos vencidos.

26.2-4: “Que co a gente de Rómulo alcançaram”: gente de Rómulo, os Romanos; o sujeito de alcançaram é a forte gente de Luso (os Lusitanos); “Quando com Viriato, ...”: Viriato (v. VIII.5.6-7 e VIII.6.2-6), pastor lusitano, que acaudilhou os guerrilheiros lusitanos, infligindo grandes perdas aos Romanos. Quinto Servílio Cipião, em vez de aliança e amizade, preferiu comprar três amigos de Viriato, que o assassinaram à traição (139).

26.6-8: “... quando alevantaram / Um por seu capitão, que, peregrino, / Fingiu na cervá espírito divino”: Sertório, tendo recebido como presente uma corça branca, que ele dizia ter sido um presente de Diana, afirmava que ela lhe revelava todas as coisas ocultas (ver em Plutarco, Sertorius, 11). Peregrino (latinismo), estrangeiro.

27.1-4: “Agora... a mais s’atreve”: por a mais se atrevem; Áfrico, vento de sudoeste; Noto, vento do sul; “Que havendo tanto já que as partes vendo / Onde o dia é comprido e onde breve”; o Poeta indica as navegações de norte a sul pelo Oeste de África.

27.7-8: “Inclinam seu propósito ...”: o Poeta volta à concordância lógica: sujeito os Lusitanos; “A ver os berços onde nasce o dia”: a ver o Oriente. Ort.: perfia (por porfia).

28

“Prometido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar que vê do Sol a roxa entrada.
Nas águas têm passado o duro Inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

29

“E porque, como vistes, têm passados
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana como amigos;
E, tendo guarnecido a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.”

30

Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro diferia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente
Se lá passar a Lusitana gente.

31

Ouvido tinha aos Fados que viria
a gente fortíssima de Espanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da Índia tudo quanto Dóris banha,
E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha.
Altamente lhe dói perder a glória
De que Nisa celebra inda a memória.

32

Vê que já teve o Indo sojugado
E nunca lhe tirou Fortuna ou caso
Por vencedor da Índia ser cantado
De quantos bebem a água de Parnaso.
Teme agora que seja sepultado
Seu tão célebre nome em negro vaso
D’água do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portugueses que navegam.

33

Sustentava contra ele Vénus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada, sua Romana;
Nos fortes corações, na grande estrela
Que mostraram na terra Tingitana,
E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

28.1-4: “Prometido *lhe* está...”: *lhe* por *lhes* era corrente; “Do mar que vê do Sol a *roxa entrada*”: perífrase para designar os mares orientais. No tempo de Camões preferia-se dizer *roxo* a *vermelho*: “*roxa entrada*”, em I.28.4 e I.59.3; “a *roxa* frente”, II-13.8; o “*Mar Roxo*”, II.49.1; “*roxa* Aurora”, IV.60.7 etc.

29.1-3: “... *têm passado*... [têm] *experimentados*”: note-se a concordância do participio passivo em gênero e número com o complemento direto.

30.3-5: “Na sentença *um* do outro *diferia*”: *diferia* não concorda com *Deuses* (v. 2), mas com o aposto um; “O *padre Baco* ali não consentia”: aparece pela primeira vez o grande inimigo dos Portugueses a dar as razões do seu desacordo. *Baco* (*Dionysos*) é filho de *Júpiter* (*Zeus*) e *Sémele*. Descobriu a vide e o seu uso. Conquistou a Índia no decorrer de uma expedição semiguerreira, semidivina.

31.4-8: “Da Índia tudo quanto *Dóris* banha”: *Dóris*, filha do *Oceano* e esposa de *Nereu*. É a mãe das *Nereidas*; “De que *Nisa* celebra inda a memória”: para furtar *Baco* aos ciúmes de *Hera*, *Júpiter* transportou *Baco* para longe da Grécia, para um país chamado *Nisa*, que uns situam na Ásia, outros na Etiópia ou na África, e deu-o a criar às Ninfas desse país. V. comentário a VII.52.5.

32.1-7: “Vê que já teve o *Indo* sojugado”: Indo (ou Sindh), grande rio da Índia e do Paquistão, que se lança ao mar de Omã, formando um vasto delta; “De quantos bebem a água de *Parnaso*”: o Parnaso, monte da Grécia, na Fócida, consagrado a *Apolo* e às *Musas*. Aí nasce e corre a fonte *Castália*; “D’água do esquecimento...”: água do *Lete*, um dos rios dos Infernos, que significa em grego *esquecimento*. Ort.: *sojugado* (por *subjugado*).

33.1-6: “Sustentava contra ele *Vénus* bela”: aparece agora a protectora dos Portugueses, afeiçoada à gente lusitana pelas razões que se invocam nesta estância e se repetem na est. IX.38. *Vénus* foi assimilada à *Afrodite* dos Gregos no segundo século a.C. *Afrodite* é a deusa do amor e da beleza. *Vénus* foi mãe de *Cupido* e de *Eneias* e esposa de *Vulcano*. Tem n’*Os Lusíadas* um papel intercessor fundamental; “Nos fortes corações, na grande estrela”: na coragem e na fortuna; “Que mostraram na terra *Tingitana*”: Mauritânia Tingitana ou Marrocos. É a parte da Mauritânia onde se situa *Tinge* ou *Tingi* (Tânger).

34

Estas causas moviam Citereia,
E mais, porque das Parcas claro entende
Que há-de ser celebrada a clara Deia
Onde a gente belígera se estende.
Assi que, um, pela infâmia que arreceia,
E o outro, pelas honras que pretende,
Debatem, e na perfia permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.

35

Qual Austro fero ou Bóreas na espessura
De silvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura
Com impeto e braveza desmedida,
Brama toda montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto, levantado
Entre os Deuses, no Olimpo consagrado.

36

Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De antre os Deuses em pé se levantava:
Merencório no gesto parecia;
O forte escudo, ao colo pendurado,
Deitando pera trás, medonho e irado;

37

A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se pôs diante
De Júpter, armado, forte e duro;
E dando a pancada penetrante
Co conto do bastão no sólio puro,
O Céu tremeu, e Apolo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como enfiado;

38

E disse assi: “Ó Padre, a cujo império
Tudo aquilo obedece que criaste:
Se esta gente que busca outro Hemisfério,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vitupério,
Como há já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.

39

“Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vêm, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque enfim vem de estômago danado;
Que nunca tirará alheia enveja
O bem que outrem merece e o Céu deseja.

34.1-3: “Estas causas moviam *Citereia*”: *Citereia* é uma das designações de *Vénus* por ter um santuário em Citera, ilha do mar Egeu. O Poeta só volta a invocar *Citereia* em IX-53; “E mais, porque das *Parcas* claro entende”: As *Parcas* são as divindades do Destino, equiparadas às Moírai dos Gregos: *Cloto*, *Láquesis* e *Átropos*; “a clara *Deia*”: a distinta Deusa. Ort.: *perfia* (por *porfia*). *Porfia* em 36.2.

35.1: “Qual *Austro* fero ou *Bóreas* na espessura”: tal como o vento do sul ou do norte.

36.1: “Mas *Marte*...”: deus da guerra, também conhecido por *Mavorte*. Sobre os amores de *Vénus* e de *Marte* veja-se Lucrécio, *De rerum natura*, I.33-40. Recorde-se que *Vénus* era esposa de *Vulcano* e atente-se nestes versos de Ovídio: “*Solis referemus amores / Primus adulterium Veneris cum Marte putatur / Hic vidisse deus; videt hic deus omnia prima.*” (*M*, IV.170-172.); e em *V, G*, IV. vv. 345-346: “*Inter quas curam Clymene narrabat inanem Vulcani, Martisque dolos et dulcia furta.*”

37.7: “O Céu tremeu, e *Apolo*, de torvado”: *Apolo*, filho de *Zeus* e de *Leto*. Esta, perseguida por *Hera*, foi ter a uma ilha chamada Ortígia, flutuante e estéril. Aí nasceu *Apolo*. Este, em reconhecimento, fixou a ilha no centro do mundo grego e deu-lhe o nome de Delos, ‘a brilhante’. Entre os seus múltiplos atributos, conta-se o de ser o deus da luz e de conduzir o carro do Sol.

38.3-5: “Se esta gente... / Não queres que *padeçam* ...”: concordância do coletivo do singular com o verbo no plural.

39.3-4: “Bem fora que aqui *Baco* os sustentasse, / Pois que de *Luso* vêm, seu tão privado”: neste lugar *Luso* foi privado de *Baco*; em III.21.5-7 diz o Poeta: “Esta foi Lusitânia, derivada / De Luso ou Lisa, que de *Baco* antigo / Filhos foram, ... ou companheiros”; em VIII.2.7-8 diz de “... Luso, donde a Fama / O nosso Reino ‘Lusitânia’ chama [Filho e companheiro do Tebano]”. E insiste em VIII.4.4: “... companheiro e filho amado”. Portanto: 1.º, privado; 2.º, filho ou companheiro; 3.º, filho e companheiro. Ort.: *estômago* (por *estômagô*, índole).

40

“E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada
Não tornes por detrás, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercúrio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve e à seta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra onde se informe
Da Índia, e onde a gente se reforme.”

41

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentiu
No que disse Mavorte valeroso
E néctar sobre todos esparziu.
Pelo caminho Lácteo glorioso
Logo cada um dos Deuses se partiu,
Fazendo seus reais acatamentos,
Pera os determinados apousentos.

Mais próximo da vida real e distante dos deuses do Olimpo, encontramos nos episódios d’As despedidas e do Velho de Restelo (Canto IV, estrofes 88 a 104) a narração da despedida que o povo dará à frota portuguesa antes de ela zarpar para a grande aventura marítima. Às margens do Tejo, na época “praia do Restelo”, uma multidão se aglomera para dar adeus aos marinheiros. Então surge o Velho de Restelo, que faz um discurso ponderando as desastrosas possíveis conseqüências de tal aventura, lamentando a busca humana do impossível. (Tarefas 4 e 5)

88

A gente da cidade, aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saudosos na vista e descontentes.
E nós, co a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solene, a Deus orando,
Pera os batéis viemos caminhando.

90

Qual vai dizendo: “Ó filho, a quem eu tinha
Só pera refrigério e doce emparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará, penoso e amaro,
Porque me deixas, mísera e mesquinha?
Porque de mi te vas, ó filho caro,
A fazer o funéreo encerramento
Onde sejas de pexes mantimento?”

89

Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres cum choro piadoso,
Os homens com suspiros que arrancavam.
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

91

Qual em cabelo: “Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quis Amor que viver possa,
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não é vossa?
Como, por um caminho duvidoso,
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as velas leve o vento?”

41.4-7: “E néctar sobre todos esparziu”: o néctar era a bebida e o perfume dos deuses; “Pelo *caminho lácteo glorioso*”: a Via Láctea; “Fazendo seus reais *acatamentos*”: fazendo suas profundas reverências. Ort.: *valeroso* (por *valoroso*); *apousentos* (por *aposentos*). (Os comentários acima foram retirados do site www.instituto-camoes.pt/escritores/camoes/estudos.htm acessado em 02.08.2004).

89: Ort.: *piadoso* (por *piedoso*); *acrecentavam* (por *acrescentavam*).

90.5: Ort.: *emparo* (por *amparo*); *pexes* (por *peixes*). O Poeta nunca escreveu de outro modo; *amaro* é latinismo.

91.3: “Porque *is...*”: *ides*.

92

Nestas e outras palavras que diziam,
De amor e de piadosa humanidade,
Os velhos e os mininos as seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quase movidos de alta piedade;
A branca areia as lágrimas banhavam,
Que em multidão com elas se igualavam.

93

Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assi nos embarcarmos,
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

94

Mas um velho, de aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
Cum saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

95

“Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
Cuã aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

96

“Dura inquietação d’alma e da vida
Fonte de desemparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
Chamam-te fama e glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!

97

“A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
D’ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

92.7-8: “A branca areia as lágrimas banhavam”: as lágrimas banhavam a branca areia; “Que em multidão com elas se igualavam”: *Com elas*, com as areias, e não com a areia.

93.1-5: “Nós outros,... /... / Determinei de assi nos embarcarmos”: determinei que nós outros assi nos embarcássemos.

94.1-8: “Mas um velho d’ aspeito venerando”: desta estância até final do canto é o episódio do *Velho do Restelo*, eloqüente, filosófico e também político. Pela boca do *Velho*, Camões manifesta a sua predileção pela política africana; “... *experto* peito”: peito experiente. Ort.: *aspeito* (por *aspecto*).

95.3: “Ó fraudulento gosto...”: gosto enganoso.

96.5-8: Na edição *princeps* o Poeta escreveu: “*Chaman-te ilustre*”, “*chaman-te subida*”, “*chaman-te fama*”, por causa da enclítica; “Nomes com *quem* se o povo *néscio* engana!”: o pronome *quem* empregava-se indiferentemente em relação a pessoas e a coisas: *néscio*, ignorante. Ort.: *desemparos* (por *desamparos*); *dina* (por *digna*).

97.4-6: “Debaixo dalgum nome *preminente*?”: *preeminente*; “Que promessas de reinos e de minas / D’ouro, *que* lhe farás...”: este último *que* é pleonástico.

LITERATURA

98

“Mas, ó tu, geração daquele insano
Cujo pecado e desobediência
Não somente do Reino soberano
Te pôs neste desterro e triste ausência,
Mas inda doutro estado mais que humano,
Da quieta e da simples inocência,
Idade d’ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e d’armas te deitou:

99

“Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome, esforço e valentia,
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la quem a dá:

100

“Não tens junto contigo o ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Árábio a lei maldita,
Se tu pola de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?

101

“Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe;
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a fama te exalte e te lisonje
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia!

102

“Oh, maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Dino da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum, alto e profundo,
Nem cítara sonora ou vivo engenho
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória!

103

“Trouxe o filho de Jápeto do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras (grande engano!).
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

98.1-7: “Mas, ó tu, geração daquele insano”: Adão; “... do Reino soberano”: do Paraíso; “Da quieta e da simples inocência, / Idade d’ ouro, ...”: sobre as quatro idades, v. Ov., *M*, 1.90-150. Ort.: *simpres* (por *simples*).

99.7-8: “... pois que já / Temeu tanto perdê-la Quem a dá”: v. “S. Mateus”, XXVI.39: “E adiantando-se um pouco, se prostrou com o rosto em terra, orando e dizendo: – *Pai meu, se é possível passe de mim este cálix...*”

100.1: “Não tens junto contigo o Ismaelita”: refere-se aos muçulmanos da África do Norte.

101.4: “Se enfraqueça e se vá deitando a longe”: se vá deitando a perder. *Longe* rima com *longe* do segundo verso.

101.7: “... com *larga cópia*”: com grande abundância.

102.3-5: *Profundo* (Inferno) rima com *profundo* (adjetivo).

103.1: “Trouxe o filho de Jápeto do Céu / O fogo que ajuntou ao peito humano”: sobre o roubo do fogo por Prometeu, filho de Jápeto, v. Hesíodo, *Theogonia*, vv. 554-556.

104

“Não cometera o moço miserando
 O carro alto do pai, nem o ar vazio
 O grande arquiteto co filho, dando
 Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.
 Nenhum cometimento alto e nefando
 Por fogo, ferro, água, calma e frio,
 Deixa intentado a humana geração.
 Misera sorte! Estranha condição!”

Na epopéia camoniana, a vida do povo português, a história – as guerras, as navegações – e o mito relativo às travessias da antiguidade se cruzam. O casamento simbólico dos navegadores com as ninfas no Canto X se traduz na esperança de ver nascer em Portugal um povo de linhagem divina. Escrito num período de exaltação nacional, o poema já aponta em seu final, no entanto, para a decadência do poderio português. Por sua concepção e grandiosidade estética, *Os Lusíadas* se tornou um texto de referência da literatura e do imaginário do povo português.

Tarefas

Tarefa 1

Leitura da peça *Vida de Galileu*, de Bertolt Brecht. (Há uma edição da Paz e Terra, de 1991, cuja tradução é de Roberto Schwarz.)

Tarefa 2

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
 muda-se o ser, muda-se a confiança;
 todo o mundo é composto de mudança,
 tomando sempre novas qualidades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
 que já coberto foi de neve fria,
 e enfim converte em choro o doce canto.

Continuamente vemos novidades,
 diferentes em tudo da esperança;
 do mal ficam as mágoas na lembrança,
 e do bem – se algum houve –, as saudades.

E, agora este mudar-se cada dia,
 outra mudança faz de mor espanto:
 que não se muda já como soía.

O tema do poema é a mudança do mundo. A reflexão mostra as mudanças da vida sempre presentes em vários planos: no temporal, no humano (vontades, ser), no da natureza (estações do ano). O tom é melancólico, do mal ficam as mágoas, do bem, as saudades. Como interpretar o último verso do soneto?

104.1-5: “Não cometera o moço miserando / O carro alto do pai ...”: *Fáeton*, filho de *Hélio* (o *Sol*), foi autorizado por seu pai a guiar o carro do Sol, mas esteve a pontos de, por inexperiência, abrasar o Universo. *Zeus* (*Júpiter*), irritado, fulminou-o e precipitou-o no *Eridano* (o rio Pó); “... nem o ar vazio / O grande arquiteto co filho, dando / Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio”: *Dédalo*, arquiteto grego que construiu o labirinto de Creta, no qual foi encerrado o *Minotauro*. *Dédalo* também lá ficou aprisionado por ordem de *Minos*, mas fugiu, fazendo umas asas de penas e de cera. *Icaro* fugiu do labirinto de Creta com o pai com asas ligadas com cera. Aproximando-se demasiado do Sol, a cera derreteu-se, as asas soltaram-se e *Icaro* foi cair no mar Egeu, perto da ilha *Icária* (no mar *Icário*); “Nenhum cometimento alto e nefando”: *nefando* no sentido latino de *nefandus*, abominável. (Os comentários acima foram retirados do site www.instituto-camoes.pt/escritores/camoes/estudos.htm acessado em 02.08.2004).

Tarefa 3

Leia os dois sonetos abaixo:

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
alguma cousa a dor que me ficou
da mágoa, sem remédio, de perder-te,

roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo cá me leve a ver-te,
quão cedo de meus olhos te levou.

Luís de Camões

Sinto-me só como um seixo de praia
Vivendo à busca no cristal das ondas,
Não sei se sou o que não sou. Pressinto
Que a maré vai morar no fundo d'alma.

Calo-me sempre se te escuto vindo
Marulho de incerteza e de agonia;
Há crenças deslizando nos meus traços,
Molhando a estátua do meu sonho antigo.

Declino-me nas frases dos rochedos
Nas pérolas de som do esquecer
Na incrível sombra da montanha adulta.

E ao me curvar ao peso da memória,
Descubro meu reflexo obscuro
Num soneto de espumas inexas.

Vinícius de Moraes

O primeiro poema foi escrito por Camões no século XVI e o segundo foi escrito por Vinícius de Moraes, poeta brasileiro, no século XX. Do que falam os poemas? Além da questão formal, há semelhanças entre eles? Qual o estado de espírito dos eu-líricos em questão? Inspirado por esses poemas, tente compor um soneto a seu(sua) amado(a).

Tarefa 4

Identifique nos versos do Concílio dos Deuses, d'*Os Lusíadas*, os adjetivos que são escolhidos para a caracterização do povo português.

Tarefa 5

Inversões sintáticas. Escolha duas estrofes desse trecho e transponha os versos para a ordem direta (por escrito, é claro).

Tarefa 6

Resuma com suas palavras as profecias do Velho de Restelo e entregue seu texto ao monitor.

Tarefa 7

145

No mais Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Dhua austera, apagada e vil tristeza.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*

Nevoeiro
 Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
 Define com perfil e ser
 Este fulgor baço da terra
 Que é Portugal a entristecer –
 Brilho sem luz e sem arder,
 Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.
 Ninguém conhece que alma tem,
 Nem o que é mal nem o que é bem.
 (Que ânsia distante perto chora?)
 Tudo é incerto e derradeiro.
 Tudo é disperso, nada é inteiro.
 Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a hora!

Fernando Pessoa, *Mensagem*

O trecho d’*Os Lusíadas*, do século XVI, se encontra ao final do poema e faz parte das últimas considerações de Camões acerca do povo português. O poema de Fernando Pessoa, escrito no século XX, também traça um perfil de Portugal e seu povo.

Como está caracterizado o povo português no trecho do poema de Camões? Como ele está caracterizado no poema de Pessoa? Há semelhanças entre os dois poemas? Há diferenças entre eles? Como você entende o último verso do poema de Fernando Pessoa?

Tarefa 8

IV. O Monstrengo

O mostrengo que está no fim do mar
 Na noite de breu ergueu-se a voar;
 A roda da nau voou três vezes,
 Voou três vezes a chiar,

E disse: “Quem é que ousou entrar
 Nas minhas cavernas que não desvendo,
 Meus tectos negros do fim do mundo?”
 E o homem do leme disse, tremendo:

“El-Rei D. João Segundo!”

“De quem são as velas onde me roço?
 De quem as quilhas que vejo e ouço?”
 Disse o mostrengo, e rodou três vezes,

Três vezes rodou imundo e grosso.

“Quem vem poder o que só eu posso,
 Que moro onde nunca ninguém me visse
 E escorro os medos do mar sem fundo?”

E o homem do leme tremeu, e disse:

“El-Rei D. João Segundo!”

Três vezes do leme as mãos ergueu,
 Três vezes ao leme as repredeu,

E disse no fim de tremer três vezes:

“Aqui ao leme sou mais do que eu:

Sou um povo que quer o mar que é teu;

E mais que o mostrengo, que me a alma

[teme

E roda nas trevas do fim do mundo,

Manda a vontade, que me ata ao leme,

De El-Rei D. João Segundo!”

O poema “O monstrengo” pertence a um famoso episódio de *Os Lusíadas*. Descubra qual é esse episódio e reflita sobre a sua importância no contexto do poema épico.

Para relacionar

Filme *Tróia – A Epopéia*

Dirigido por WOLFGANG PETERSEN

Para ler mais tarde

Íliada, de Homero. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2002.

Odisséia, de Homero. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

Referências

Análises intituladas *Os Lusíadas e Rimas*, de Luís de Camões, de Aníbal Pinto de Castro em: www.instituto-camoes.pt/escritores/camoes/estudos.htm, 02.08.2004.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. *Noções de literatura*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1954.

BECHARA, E. e SPINA, S. (org.). *Os Lusíadas, Luís de Camões, Antologia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963.

LOPES, Telê Porto A., *Macunaíma: a margem e o texto*. São Paulo: Hucitec, 1974.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Agir, 1965.

MORAES, Vinícius. *Sinto-me só como um seixo de praia*. In: *Poesia completa e prosa: “Poesias coligidas”*.

NICOLA, José de, INFANTE, Ulisses. *Como ler Fernando Pessoa*. São Paulo: Scipione, 1988.

PAES, Amélia Pinto. *Os Lusíadas em Prosa*. Porto: Areal Editores, 1995.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. SP: FTD, 1992.

PESSOA, Fernando. *Antologia Poética*. São Paulo: Moderna, 1994.

PESSOA, Fernando. *O Eu profundo e os outros Eus*. (Seleção poética). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

SARAIVA, A.J. e LOPES, O. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2000.

SENA, Jorge de. *O poeta é um fingidor*. Lisboa: Ática, 1961.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O tupi e o alaúde. Uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

STADEN, Hans. *Duas Viagens ao Brasil*. Trad. Guiomar de C. Franco. São Paulo: USP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. p. 179-184.

SWIFT, J. *As viagens de Gulliver*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

Textos de Caminha e de Hans Staden encontrados na biblioteca virtual do estudante: www.bibvirt.futuro.usp.br em 10/08/2004

TORRALVO, I. F. e MINCHILLO, C. C. *Sonetos de Camões*. SP: Ateliê Editorial, 2001.

VOGT, C. e LEMOS, J. A. G. *Literatura Comentada – Cronistas e Viajantes*. São Paulo: Abril, 1982.

<http://alfarrabio.um.geira.pt/vercial/pessoa.htm> (acessado em 22/7/2004)

<http://fredb.sites.uol.com.br/pessoa.html> (acessado em 26/07/2004)

<http://www.cfh.ufsc.br/~magno/campos.htm> (acessado em 21/7/2004)

<http://www.insite.com.br/art/pessoa/> (acessado em 21/7/2004)

<http://www.lsi.usp.br/art/pessoa/> (acessado em 22/7/2004)

<http://www.secrel.com.br/jpoesia/pessoa.html> (acessado em 22/7/2004)